O MERCADO INTERNO PROVINCIAL: UM ESTUDO DOS PREÇOS DE MERCADO DOS GÊNEROS DA PRODUÇÃO MINEIRA EM 1839/40

Autor: Cristiano Corte Restitutti / UNESP e bolsista ICAM-USIMINAS

Tema: História Econômica

Sessão Temática: Urbanização e Comércio em Minas Gerais no século XIX

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar, criticar e estudar fonte inédita para a investigação do funcionamento da economia de Minas Gerais provincial. Utilizamos fonte sobre o mercado mineiro: preços internos e quantidades exportadas ao longo da fronteira[1]. A natureza geográfica das informações – preços em núcleos urbanos – permite inferir sobre o funcionamento do mercado interno mineiro e de suas conexões inter-regionais e interprovinciais. Na seção I, expomos as principais contribuições historiográficas para a explicação do funcionamento da economia mineira na década de 1830. Na seção II, apresentamos os preços de cinqüenta e um em produtos mineiros em 1839/40, em dezenove pontos da província. Na seção III, apontamos a distribuição regional da produção mineira através de índices de preços de mercado. Na seção IV, inferimos sobre as articulações mercantis da produção mineira conforme os preços indexados, contrapondo os resultados à luz de outras contribuições.

Palavras-chave: economia mineira provincial; mercado interno; preços de mercado.

---

[1] Nesta exposição, chamamos *exportações* as mercadorias a sair da província, não necessariamente remetidas ao estrangeiro, tendo sido produzidas em Minas.

I – A ECONOMIA MINEIRA NA DÉCADA DE 1830

O esplendor do ouro e a fuga das minas

A exploração de ouro no planalto central brasileiro a partir dos anos 1690, e diamantes desde a década de 1720, trouxe às regiões das minas um enorme contingente populacional. Não havia auto-suficiência: a abundância de numerário – o ouro em pó – estimulava a mercantilização. De forma que as atividades de abastecimento – de gêneros da terra e importados – tornaram-se lucrativas[2]. Os próprios mineiros começaram a produzir gêneros básicos, em atividades que se perpetuariam após o declínio da mineração.

Na segunda metade do século XVIII, as atividades agropecuárias e mercantis dissociaram-se da mineração. A extração do metal decrescia a taxas constantes, a produção agropecuária e o volume de importações se mantinham relativamente estáveis até os últimos anos do século, quando também se constata desaceleração no crescimento populacional. [3]

Correntes demográficas "centrífugas" dispersavam os mineiros. A contínua ocupação do espaço deveu-se tanto a novas descobertas de ouro quanto à expansão das atividades produtivas em fronteira aberta. Após ocuparem as terras férteis das áreas mineradoras, dirigiam-se a áreas propícias à agricultura ao leste e ao sul e à pecuária ao oeste. No último quartel do século XVIII, regiões de menor mineração e vocação agropastoril ganham importância sócio-econômica. [4]

A sociedade mineira era essencialmente urbana, o que promovia intenso comércio interno à capitania[5]. A diversificação da economia regional resultava da demanda urbana e das diversas condições do meio físico, da ocorrência de insumos e da dotação de fatores. Há intensificação nas produções para o abastecimento interno, especialmente na pecuária. Destaca-se a produção da região Sul, cujas "águas abundantes e terras férteis garantiam a forragem", tornando-se "a melhor área criadora"[6].

Nas últimas décadas do século XVIII emerge o mercado do Rio de Janeiro como grande porto exportador. Articula um vasto *hinterland* para seu abastecimento. Minas Gerais contribui para seu suprimento: excedentes eventuais de gêneros da subsistência mineira, principalmente da pecuária, mesclam-se a remessas de açúcar e fumo para a nova capital[7].

A chegada da Corte portuguesa ao Rio de Janeiro em 1808 incrementou a demanda de gêneros do país, quando os produtos mineiros já participavam do abastecimento carioca[8]. Em

---

[2] A principal fonte conclamada a ilustrar este fenômeno é André Antonil, quem esteve nas minas na primeira década do século XVIII.

[3] MAXWELL, 2001, pp. 279-83; NOYA PINYO, 1979, pp. 66-79; MARTINS, 1980, pp. 256-7; CARRARA, 2000, *passim*. Havia grandes importações de escravos durante o declínio da mineração: cerca de 6.000-10.000 por ano em 1749-86 e 1.500-5000 por ano em 1786-1808 (estimativas de MARTINS FILHO & MARTINS, 1983, pp. 542-4).

[4] PRADO JÚNIOR, 2000, pp. 69-74. Neste momento consolidam-se relações entre território e população que configurarão o "mosaico mineiro" de John Wirth (1982, pp. 39-70). Para um panorama da formação histórica de diversas regiões de Minas, vide, especialmente, BARBOSA (1971). Sobre o processo de ocupação das regiões não mineradoras e diferenciação dos espaços na passagem do século XVIII para o XIX, vide CUNHA, 2002, pp. 132-63.

[5] O comércio de abastecimento das minas fixou seus núcleos urbanos. A intensificação da urbanização se dá a partir da década de 1720, com o fim do "nomadismo" derivado das promissoras explorações do ouro de aluvião (LUNA & COSTA, 1982, p. 16; PAIVA, 1996, p. 36). Sobre o setor mercantil mineiro no século XVIII, vide CHAVES, 1999. O comércio articulou Minas Gerais a diversas capitanias, por poucos e maus caminhos (vide ZEMELLA, 1990).

[6] IGLESIAS, 1985, p. 20. Em fins do século XVIII, o Sul é identificado como o "celeiro de Minas Gerais", com "vultoso comércio" em relação às demais regiões da capitania (GRAÇA FILHO, 2002, p. 36). Cf. PRADO JÚNIOR, 2000, pp. 198-203; ZEMELLA, 1990, pp. 220-1; HOLANDA, 1982, pp. 306-7; MAXWELL, 2001, pp. 109-12.

[7] Em 1795, Minas Gerais enviou ao Rio "muitas mil cabeças de gado, muitas tropas carregadas de toucinho e outras de queijos, muita courama de boi, muita sola, muitas mil arrobas de açúcar, muito fumo e também azeite de mamona" (BARBOSA, 1979, p. 458). Sobre a inserção mineira no *hinterland* de abastecimento do Rio de Janeiro, vide BROWN, 1986, pp. 462-576.

[8] Prova do engajamento dos produtores do sul de Minas no abastecimento do Rio de Janeiro antes da chegada da Corte é a ordem do governador da capitania ao ouvidor e corregedor da comarca do Rio das Mortes (o sul de Minas) em janeiro de 1808 de aprontar "não menos todas as bestas muares e cavalares" para o transporte de "gados, toucinhos, carnes de porco, arroz, queijos, farinha de trigo, açúcar, farinha de mandioca, feijão e tudo o mais que parecer necessário" para a condigna recepção da Corte (Revista do Arquivo Público Mineiro, Ano X, Fascículos III e IV, Julho a Dezembro de 1905, pp. 719-21).

1808-13 a receita fiscal de Minas Gerais da produção agropecuária para o mercado (dízimo) ultrapassa o rendimento dos quintos do ouro e nos anos seguintes a relação destas receitas continua aumentar[9]. Em 1811, o frete do Rio de Janeiro para Minas Gerais era 25% mais caro que o de Minas para o Rio, por esta última rota "não ser tão procurada, por causa da falta de artigos de exportação"; em 1824, o frete de Minas para o Rio custava tanto quanto o do Rio para Minas, "por causa da maior exportação de diversas mercadorias."[10]

O funcionamento da economia mineira, circa *1830*

Entre 1825 e 1833, as importações de escravos por Minas rivalizavam com as da cafeicultura fluminense em expansão[11]. Minas Gerais mantinha o maior plantel escravista do Império do Brasil, à revelia do fraco desempenho na agricultura de exportação.

O crescimento da mão de obra cativa em Minas constitui caso especial e deve ser explicado[12]. Em geral se aponta à "diversidade regional mineira" para aceitar a ação conjunta do tráfico internacional, da reprodução natural e dos saldos no tráfico interno brasileiro[13].

As evidências de importação de escravos em áreas desligadas da agroexportação forçaram outra abordagem ao tema: o apego à escravidão numa economia não-exportadora, ou seja, a capacidade de adquirir escravos. Desloca-se o eixo do debate para a relevância do setor exportador, do abastecimento do Rio de Janeiro e do grau de isolamento dos mercados regionais mineiros. Esforços para medir a pujança do setor exportador mineiro no século XIX foram realizados por Roberto Borges Martins, Amílcar Martins Filho e Robert Slenes[14].

Em 1819, as exportações de "produtos coloniais", agrícolas destinados aos portos (fumo, café, algodão e açúcar), constituíam 31% do valor dos gêneros mineiros remetidos a outras províncias, a preços oficiais de 1819. Gêneros do abastecimento perfaziam a maior parte da produção mercantil mineira remetida para fora da província, especialmente para o Rio de Janeiro (76,6%). [15] A participação da produção mineira no abastecimento extraprovincial aumentou na década de 1820. A participação dos gêneros do abastecimento (vis-à-vis os reexportáveis) nas exportações totais não-minerais cresce de 69% em 1819 para 80% em 1828 (a preços oficiais correntes)[16].

Entre 1819 e 1828 o volume exportado *per capita*, exclusive ouro e diamantes, em réis de 1819, mantém-se estável[17]. Neste período as agropecuárias de Minas atingem seus

---

[9] CARRARA, 2000, p. 49. O contingente demográfico consolidado em Minas financiava as importações com o estoque de metal e, cada vez mais ao adentrar o século XIX, com exportações não minerais. Em 1808 foi proibida a livre circulação do ouro em pó como meio de troca, reduzindo a liquidez da principal reserva de valor.

[10] ESCHWEGE, 2002, p. 219.

[11] FRAGOSO, 1998, pp, 177-8.

[12] MARTINS, 1980; MARTINS, 1983; MARTINS FILHO & MARTINS, 1983. Estas publicações desencadearam o "debate da década de 80" sobre o caráter da economia mineira provincial. Cf. SLENES, 1983; DEAN, 1983; ENGERMAN & GENOVESE, 1983; LUNA & CANO, 1983; MARTINS & MARTINS FILHO, 1984; SLENES, 1988; MARTINS, 1994.

[13] Boa interpretação do debate na tese de Clotilde Paiva (1996, pp. 5-29).

[14] MARTINS, 1980, pp. 258-85; MARTINS FILHO & MARTINS, 1983, pp. 556-65; SLENES, 1983, pp. 574-5; MARTINS & MARTINS FILHO, 1984, pp. 135-45; SLENES, 1988, pp. 468-89.

[15] Exportações em 1818/19 conforme o Barão de Eschwege (1899, pp. 748-9; 1ª edição em 1825).

[16] Em 1819, o algodão em rama participava com 22% das exportações não-minerais e 71% das agrícolas de reexportação, a preços oficiais de 1819. Em 1828, preço oficial do algodão, relativo à média de preços não ponderada de toda a pauta, incrementou em 70%; mas sua participação nas exportações não-minerais e reexportações caíram para 2% e 11%, respectivamente. Em 1828 destaca-se o fumo ou tabaco, com 12% do total e 60% dos reexportáveis. Exportações em 1828 transcritas por Roberto Martins (APM, SP, PP 1/6, Cx. 1 Doc. 18).

[17] Entre 1819 e 1828, as exportações não-mineirais per capita mineiras decrescem em 3,1%, pois o valor deflacionado das exportações em 1828 é 5,2% maior que em 1819, enquanto a população acresceu em 8,6%. Valor do volume exportado em 1828 a preços oficiais deste ano ($P_{in}.Q_{in}$) deflacionados para 1819 ($P_{0n}.Q_{0n}$) segundo o índice de preços de Fischer para os *n* produtos exportados $\{[\Sigma(P_{in}.Q_{0n})/\Sigma(P_{0n}.Q_{0n})].[\Sigma(P_{in}.Q_{in})/\Sigma(P_{0n}.Q_{in})]\}^{1/2}$ (método utilizado por MARTINS FILHO & MARTINS, 1983, p. 563). População em 1828 por interpolação geométrica dos dados de 1819, utilizados pelos Martins e Slenes, e de 1830/35 (1832/33) estimados por Clotilde Paiva (1996, p. 52). Os dados de população para 1819, do Conselheiro Velloso de Oliveira, são estimativas precárias – para uma crítica a esta fonte, vide PAIVA, 1996, pp. 16-8.

maiores níveis *per capita* de todo o século XIX. Em 1819, eram próximas à média brasileira[18]. A economia mineira aprofundava-se na exploração do trabalho escravo na produção agropecuária de gêneros para o abastecimento.

Na Minas provincial, convivem atividades da subsistência, escravistas ou não, e atividades marcadamente escravistas, ligadas a mercados externos ou ao abastecimento urbano do Rio de Janeiro e do mercado interno de Minas Gerais. A percepção desta dicotomia guiou o debate de Robert Slenes com Roberto Martins. Segundo Martins, a economia mineira provincial pode ser caracterizada como uma economia vicinal, desligada de mercados externos. Para Slenes, os laços mercantis interprovinciais da economia mineira, somados à pujança do setor cafeeiro e do não desprezível setor minerador, de ouro e diamantes, renderiam efeitos positivos às tradicionais atividades agropecuárias da subsistência mineiras. Pesquisas posteriores procuram confrontar seus resultados às hipóteses então levantadas[19].

O complexo agropecuário escravista-mercantil voltado ao abastecimento interno abrangia extensas porções do território mineiro. A produção agropecuária das regiões Sul, Norte e Oeste, inclusive o Alto Parnaíba e o Triângulo Mineiro, supria a subsistência mineira e gerava excedentes para o mercado do centro-sul brasileiro, permitindo financiar as importações, inclusive de escravos. Estas regiões teriam, *grosso modo*, uma estrutura econômica comum e "integrariam o *modelo do sul de Minas*, com uma economia mercantil de subsistência baseada no trabalho escravo"[20]. Áreas de outras províncias ocupadas por mineiros compartilhavam estas características, como o sul de Goiás, o oeste paulista e povoações mais antigas do vale do rio Paraíba, em São Paulo e no Rio de Janeiro.

A mercantilização da produção agropecuária de das regiões supracitadas, interna e interprovincial, e a distribuição das importações movimentavam grande número de animais no entorno dos principais arraiais. O setor mercantil do abastecimento terrestre cumpria importante função na sociedade do planalto central do Brasil.

A situação econômica da região central de Mina Gerais, das povoações pioneiras da mineração, não deve ser identificada à decadência e à ruína generalizadas, em contraste com o esplendor do século anterior. Alguns centros antigos "superam o declínio da mineração aurífera e ingressam num florescente período de comércio e exploração de outras atividades manufatureiras e agrícolas."[21]

Podemos perscrutar as nuanças regionais do modelo e a organização das unidades produtivas através dos dados censitários da década de 1830[22]. A fonte nos informa que a produção mesclava grandes fazendas escravistas à produção familiar ou camponesa e que esta diversidade estava uniformemente distribuída pelo território. Em 1831/32, as unidades familiares mineiras eram majoritariamente (84%) não-escravistas ou pequenas proprietárias[23].

Os poucos grandes plantéis escravistas, por sua vez, usufruíam a maioria da mão-de-

---

[18] Exportações mineiras per capita de mercadorias em 1819 estimadas em 72% da média brasileira e 86% incluindo ouro e diamante, os quais perfaziam apenas 14% a 24% do total, dependendo da estimativa do contrabando (MARTINS FILHO & MARTINS, 1983, pp. 562-3; SLENES, 1988, pp. 469, 476). Enquanto as exportações brasileiras comportam majoritariamente gêneros de reexportação, nos portos, as exportações mineiras referem-se ao abastecimento terrestre, principalmente do Rio de Janeiro.

[19] Confrontar, entre outros: LIBBY, 1988; FRAGOSO, 1993; PAIVA, 1996; CARRARA, 1997; GRAÇA FILHO, 1998; RODARTE, 1999; GODOY, 2004.

[20] FRAGOSO, 1998, pp. 123-34; FRAGOSO & FLORENTINO, 2001, pp. 151-2 (grifo dos autores).

[21] GRAÇA FILHO, 2004, pp. xxii-xxiii. Cf. RODARTE, 1999; PAIVA, 1996.

[22] Listas nominativas de 1831/32 e 38/40, documentos manuscritos com informações demográficas. Informações deste acervo e outros documentos para 1826 e 1833/35 permitiram sólida estimativa populacional de 718.191 para Minas Gerais em 1830/35 (PAIVA, 1996, pp. 47-75). Os dados de posse de escravos utilizados nas notas seguintes foram extraídos destes documentos (PAIVA, 1996, pp. 212-4), segundo regionalização própria (PAIVA, 1996, pp. 89-96).

[23] Padrão verificado em todas as regiões, desde 78% na região de Diamantina até 96% na de Paracatu. Os fogos não proprietários de escravos perfaziam 67,5% do total (desde 55% na região do Triângulo até 84% na de Paracatu). Os pequenos proprietários (1 a 3 cativos) representavam 51,5% dos fogos escravistas (desde de 45% na região de Diamantina até 76% na de Paracatu).

obra cativa[24]. Certas áreas, entretanto, contribuíam com maior proporção dos grandes plantéis. Alguns arraiais, em diversas regiões, concentravam atividades escravistas ligadas a diversos mercados: a mineração de ouro por empresas inglesas; a garimpagem de valiosos diamantes; agriculturas de exportação (algodão, fumo, café); a produção agrícola para mercados locais e regionais; a condução de animais e a produção de derivados da pecuária para o abastecimento de mercados urbanos – mineiros e de outras províncias, especialmente da Corte.

A distribuição urbana da produção dava importância ao setor mercantil, atrelado aos maiores fazendeiros, que subordinavam os menores. O domínio do capital agro-mercantil nas relações de troca explica porque, mesmo produzindo para fora, muitas regiões permaneciam na condição de lugares com baixo nível de desenvolvimento econômico[25]. Na sociedade escravista brasileira, os grandes capitais permaneciam ligados a terra, ou a ela se tornavam[26].

Enfim, o funcionamento da economia provincial mineira concilia formas de produção pré-capitalistas a uma elite agro-mercantil ligada a diferentes mercados, locais e externos: o abastecimento regional e urbano, as exportações agrícolas, as importações diversas, inclusive de escravos.

> "Pugnar pela introversão econômica, a produção essencialmente orientada para o mercado interno da Província e a insipiência dos vínculos com o exterior ou, em outro extremo, propor a extroversão, o setor exportador respondendo direta ou indiretamente por todo o dinamismo econômico, são duas formas rigorosamente lícitas, ainda que parciais, de apreender uma mesma realidade. A magnitude e complexidade da economia de Minas Gerais, ao permitir a convivência de sólidas conexões internas com ampla inserção em mercados externos, propulsionou o surgimento de organização econômica original. Seja perscrutando as unidades menores, as fazendas mineiras, seja examinando as grandes entidades, as regiões, constata-se o mesmo padrão: introvertido e extrovertido ao mesmo tempo; plural, independente e elástico" [27]

II – PREÇOS DOS GÊNEROS DA PRODUÇÃO MINEIRA EM 1839/40

Preços oficiais e preços de mercado

Esta pesquisa propõe contribuir para a descrição das articulações regionais da economia mineira provincial. Utilizamos fontes que permitem inferir sobre o mercado interno mineiro e também sobre suas conexões interprovinciais, quais sejam: preços em centros urbanos da província e quantidades exportadas nas rotas interprovinciais.

O *Mappa demonstrativo dos preços* consiste em tabela manuscrita contendo informações de preços dos 51 produtos da pauta de exportações mineiras em 19 pontos da província, elaborado pela Contadoria Provincial. Está encadernado em meio a tabelas fiscais elaboradas pela Mesa de Rendas Provinciais. [28]

A Mesa de Rendas foi criada pela Lei nº47 de 1836 como uma seção da Fazenda Geral, especialmente encarregada dos negócios locais. Tinha a seu cargo a administração,

---

[24] Os fogos grandes proprietários (11 ou mais cativos) perfaziam apenas 5% do total da província (desde 1,3% na região de Paracatu a 7,5% na da Mata) e detinham 55% da mão-de-obra escrava (atingindo 64% nas regiões Sudeste e Médio Baixo Rio das Velhas e 39% na de Araxá).

[25] PAIVA, 1996, pp. 108-27. A pesquisa de Paiva enfatiza o papel dos entrepostos comerciais na cristalização das diversidades de desenvolvimento sócio-econômico dentre as regiões do mosaico mineiro do século XIX. Argumenta que apesar da inserção de vastas porções do território mineiro na produção voltada para o mercado, provincial e urbano, especialmente da Corte, a mercantilização estava restrita a elites de áreas específicas. "A diferença de desenvolvimento pode ser atribuída à forma como era organizada a produção e a comercialização da exportação. A relação entre o local da produção exportadora e o desenvolvimento não se mostrava de forma direta (...). A presença do intermediário na comercialização do produto de regiões mais distantes do mercado de consumo contribuía para deslocar o dinamismo destas regiões para aquelas onde se localizavam os entrepostos" (PAIVA, 1996, p. 161).

[26] Ao restringir suas ações à órbita da comercialização, o capital não constituía elemento de protoindustrialização. Cf. FRAGOSO & FLORENTINO, 1998, pp. 167-237; GRAÇA FILHO, 2004, p. xviii; LIBBY, 1996, *passim*.

[27] PAIVA & GODOY, 2002, p. 55

[28] Arquivo Público Mineiro, Tabelas da Mesa de Rendas Provinciais, Volume 1A, "Mappa demonstrativo dos preços por que se vendem nos pontos da Provincia abaixo declaradas os generos de exportação sujeitos ao Imposto de 3 e 6%, segundo informe de diversas pessoas". Contadoria da Fazenda, 14 de Janeiro de 1840. O Contador – Manoel Teixeira de Sousa.

arrecadação, distribuição e contabilidade das rendas provinciais[29]. A criação da Mesa define a montagem do sistema de arrecadação provincial: em 1836 criam-se as Coletorias para arrecadação dos direitos provinciais nos municípios; em 1839 criam-se as Recebedorias para arrecadação dos direitos provinciais nas fronteiras. Entre 1836 e 1839 a taxa do dízimo (sobre a produção mercantil) é gradualmente extinta e transforma-se em taxa de exportação – a ser cobrada nas Recebedorias[30]. A lei nº154 de 1839 dividiu os produtos taxados em duas categorias – gêneros manufaturados e de produção ou criação – e os sujeitou aos impostos de 3 e 6 por cento, respectivamente, cobrados sobre os preços oficiais que constavam de pauta anexa. A pauta de preços oficiais de 1839 foi revista em 1841 (lei nº216).

O *Mappa demonstrativo dos preços* foi utilizado como um argumento da Mesa de Rendas, ou da Presidência da província, para ajuste dos preços oficiais. No triênio 1838-40 há elevação dos preços da produção mineira[31]. A pauta de 1839 foi revista pela lei nº 216 de 1841, que elevou os preços de doze produtos, inclusive sete dentre os dez com maior diferença percentual entre o preço oficial e o preço médio do *Mappa* de 1840[32]. Não podemos assegurar sentido causal, qual seja: ajustam-se os preços mais defasados, ou "defasam-se" (manipulam-se) os preços a serem ajustados. Entretanto, preços oficiais pouco defasados foram ajustados e outros muito defasados não. Revelam-se as intenções do legislador em onerar algumas exportações em prol dos cofres públicos e proteger outras. Ou seja, os preços do *Mappa* de 1840 refletem mais precisamente os preços de mercado que os preços das pautas oficiais.

A defasagem média, não ponderada, dos preços oficiais de 1839 para os do *Mappa* de 1840 é de 49% (vide Quadro II-A). Para comparação, em 1865, Sebastião Ferreira Soares estimou em 10% a diferença entre os valores oficiais e os de mercado dos produtos exportados pelo país[33]. A defasagem dos preços oficiais é maior do que supôs Slenes na sua crítica à estimação das exportações *per capita* de Minas Gerais.

Roberto e Maria do Carmo Martins, em sua exposição das exportações mineiras no século XIX, perceberam o problema de lidar com preços oficiais[34]. Os preços em todas as pautas oficiais têm "muito pouco significado, a não ser, presumivelmente, como indicadores dos preços relativos das mercadorias". Adotaram os preços da pauta oficial de 1860 para comparar a evolução do volume exportado ao longo do século, baseando-se em relato coevo de que esta "foi a primeira (pauta) que nivelou a avaliação aos preços correntes do mercado". [35] A multiplicação da quantidade exportada de cada mercadoria num ano pelos preços de 1860 resulta na quantidade anual exportada relativa à pauta de 1860.

A pauta de 1841, muita próxima à de 1839, permaneceu inalterada até 1859, após pressão inflacionária da década de 1850 (pauta para arrecadação no ano financeiro 1860/61, estabelecida por portaria da presidência da província em 8/2/1859). A pauta de 1860 (ato de 19/10) ajustou novamente os preços, aumentando-os em 146% em relação a 1841[36]. Entre as

---

[29] Sobre a organização da administração provincial mineira, vide MARTINS, 1992.

[30] O dízimo prolongou sua vida em Minas na lei nº49 de 1836 (a primeira a orçar títulos da receita provincial – exercício 36/37), que autoriza a arrecadação de "5% de todo açúcar ou rapadura; 10% de todos os gêneros de produção, e criação". No ano seguinte, o dízimo principia sua transfiguração, reduzindo a 3% "o dízimo do café, tabaco, algodão, açúcar e rapaduras" (tradicionais gêneros de exportação). Finalmente, a lei nº154 de 9 de abril de 1839 estabeleceu as *taxas de exportação*, cobradas nas Recebedorias por ela criadas: autoriza arrecadar "3% do café, açúcar, tabaco, algodão e de quaisquer gêneros manufaturados que se exportarem" e "6% de todos os gêneros de produção e criação da Província, que forem exportados" e determina que "fica extinto o imposto do dízimo".

[31] Segundo médias móveis qüinqüenais do índice de preços deflacionados para nove mercadorias produzidas em São João Del Rei (GRAÇA FILHO, 1998, p. 245).

[32] Os doze produtos cujos preços foram ajustados são: algodão com caroço (defasado em 271% e ajustado em 67%), linha de algodão (245% e 50%), azeite (127% e 25%), gado suíno (115% e 13%), toucinho (103% e 25%), arroz pilado (99% e 20%), colchas de algodão (94% e 56%), café (51% e 33%), mantas de algodão (50% e 14%), queijos (41% e 20%), chapéus (36% e 60%) e couros curtidos (-4% e 50%). Os três produtos dentre os mais defasados que não ajustados são tabaco (defasado em 186%), marmelada (151%) e feijão (104%).

[33] SLENES, 1988, p. 479.

[34] MARTINS & MARTINS, 1982.

[35] RIBEIRO, Joaquim Cypriano, *Índice Alphabético, Notícia histórica e Consolidação de Leis Mineiras, Dispositivos Regulamentares e Ordens Relativas a diversos ramos do Serviço Provincial desde 1835*. Ouro Preto: Typ. de Carlos G. de Andrade, 1883, p. 22 (*apud* MARTINS & MARTINS, 1982, pp.4- 5).

[36] Média ponderada pelo volume exportado em 1859/60 (MARTINS & MARTINS, 1982, Anexo I).

pautas de 1841 e 1860 destacam-se, num extremo, os ajustes de feijão (300%), couros de boi (275%), gado bovino e toucinho (200%); noutro extremo, os ajustes de derivados de algodão como mantas e redes (0%), panos e toalhas (25%), colchas (50%) e algodão em rama (87,5%). Ou seja, a utilização da pauta de 1860 para as exportações da primeira metade do século XIX tende a superestimar ou subestimar a participação de alguns produtos no valor total exportado.

Tabela 1. Exportações mineiras em 1839/40 a preços oficiais e a preços médios do mercado

Gênero	Unidade	Quanti-dade	*Preço oficial (réis)*	Preço mercado (réis)	**Preço mercado / preço oficial**	*Valor oficial (contos)*	Valor de mercado (contos)	*% a preços oficiais*	% a preços de mercado
Gado vacum	Cabeça	50.370	*10.000*	13.716	**1,37**	*503,7*	690,9	*26,68*	22,72
Toucinho	Arroba	181.106	*1.600*	3.247	**2,03**	*289,8*	588,1	*15,35*	19,34
Café	Arroba	243.473	*1.500*	2.261	**1,51**	*365,2*	550,5	*19,34*	18,1
Fumo	Arroba	133.273	*2.000*	3.587	**1,79**	*266,5*	478,1	*14,12*	15,72
Panos grossos	Vara	1.023.338	*160*	249	**1,56**	*163,7*	254,8	*8,67*	8,38
Gado suíno	Cabeça	21.547	*4.000*	8.586	**2,15**	*86,2*	185	*4,57*	6,08
Queijos	Unidade	339.006	*200*	281	**1,41**	*67,8*	95,3	*3,59*	3,69
Gado cavalar	Cabeça	1.387	*25.000*	23.553	**0,94**	*34,7*	32,7	*1,84*	1,07
Solas	Meio	10.491	*1.600*	2.198	**1,37**	*16,8*	23,1	*0,89*	0,76
Galinhas	Cabeça	86.120	*160*	215	**1,34**	*13,8*	18,5	*0,73*	0,61
Marmelada	Arroba	6.634	*1.000*	2.512	**2,51**	*6,6*	16,7	*0,35*	0,55
Gado muar	Cabeça	394	*30.000*	37.412	**1,25**	*11,8*	14,7	*0,63*	0,48
Açúcar	Arroba	5.890	*1.500*	2.386	**1,59**	*8,8*	14,1	*0,47*	0,46
Feijão	Alqueire	5.128	*1.000*	2.037	**2,04**	*5,1*	10,4	*0,27*	0,34
Gado lanígero	Cabeça	6.608	*1.200*	1.384	**1,15**	*7,9*	9,1	*0,42*	0,3
Milho	Alqueire	8.502	*500*	949	**1,9**	*4,3*	8,1	*0,23*	0,27
Poaia	Arroba	560	*12.000*	13.933	**1,16**	*6,7*	7,8	*0,36*	0,26
Couros de boi	Unidade	2.998	*1600*	2.340	**1,46**	*4,8*	7	*0,25*	0,23
Algodão em rama	Arroba	973	*3.200*	5.550	**1,73**	*3,1*	5,4	*0,16*	0,18
Couros de veado	Unidade	2.055	*1.000*	1.148	**1,15**	*2,1*	2,4	*0,11*	0,08
Colchas	Unidade	714	*1.280*	2.480	**1,94**	*0,9*	1,8	*0,05*	0,06
Farinha de milho	Alqueire	1.318	*800*	1.363	**1,7**	*1,1*	1,8	*0,06*	0,06
Selins	Unidade	148	*8.000*	12.425	**1,55**	*1,2*	1,8	*0,06*	0,06
Algodão c/ caroço	Arroba	602	*480*	1.779	**3,71**	*0,3*	1,1	*0,02*	0,04
Chicotes	Unidade	3.872	*100*	189	**1,89**	*0,4*	0,7	*0,02*	0,02
Mantas	Unidade	679	*600*	1.047	**1,75**	*0,4*	0,7	*0,02*	0,02
Rapaduras	Unidade	9.910	*40*	76	**1,9**	*0,4*	0,8	*0,02*	0,02
Arroz pilado	Alqueire	178	*1.500*	2.988	**1,99**	*0,3*	0,5	*0,01*	0,02
Chapéus	Unidade	172	*2.000*	2.713	**1,36**	*0,3*	0,5	*0,02*	0,02
Doce	Arroba	94	*5.000*	5.040	**1,01**	*0,5*	0,5	*0,02*	0,02
Gado cabrum	Cabeça	217	*1.000*	1.079	**1,08**	*0,2*	0,2	*0,01*	0,01
Lã	Arroba	24	*6.400*	9.373	**1,46**	*0,2*	0,2	*0,01*	0,01
Azeite	Barril	24	*2.000*	4.548	**2,27**	*0,05*	0,1	*	*
Couros curtidos	Unidade	85	*1.200*	1.152	**0,96**	*0,1*	0,1	*0,01*	*
Far. de mandioca	Alqueire	46	*1.200*	2.196	**1,83**	*0,1*	0,1	*	*
Outros (16)	-	-	-	-	**1,41**	*0,2*	0,4	*0,01*	0,02
Total	-	-	-	-	**1,49**	*1887,9*	3041,1	*100*	100

Fontes: Exportações: MINAS GERAIS, 1841, Mapa 5. Preços oficiais: MINAS GERAIS, 1839, folha 12. Preços de mercado: Média não ponderada dos preços de mercado (APM, TMRP, Volume 1A, "Mappa Demonstrativo dos Preços..."). **Nota:** o asterisco (*) indica participação nas exportações maior que zero e menor que 0,005%.

A comparação dos preços de mercado segundo o *Mappa* de 1840 aos preços oficiais de 1839 e 1841 mostra que os preços oficiais não são bons indicadores dos preços relativos, dadas as grandes variações de sub e sobrevalorização (vide tabela 1). A defasagem dos preços oficiais dos produtos de tradicional participação nas exportações mineiras é ainda

maior, uma vez que as exportações de 1839/40 a preços de mercado são 61% maiores que a preços oficiais (3.041 contos de réis e 1.888 contos de réis).

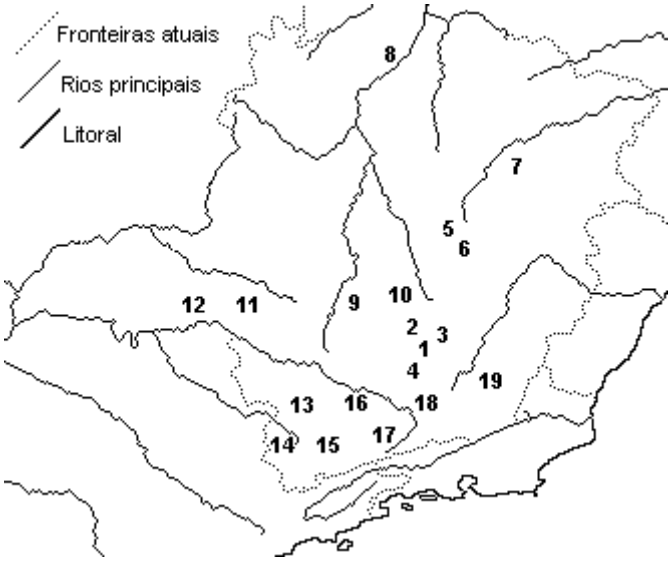
Devemos notar, entretanto, que tamanha discrepância entre o valor oficial e o "valor de mercado" das exportações de Minas em 1839/40 não invalida as conclusões de Roberto Martins sobre a inflexão das atividades de abastecimento entre 1819 e 1845. Martins calculou queda de 29% das exportações não-minerais per capita, em réis de 1819, neste intervalo[37]. Sugerimos que a inflexão teria ocorrido entre 1828 e 1839. Segundo nossos cálculos, a partir da mesma metodologia de Martins, entre 1828 e 1839 as exportações não-mineirais per capita decrescem em 28%.

III – ARTICULAÇÕES REGIONAIS DA ECONOMIA MINEIRA EM 1839/40

Índices de preços de mercado

Ao tomar o conjunto de preços do *Mappa* de 1840 como uma aproximação dos preços de mercado em 1839/40, intenta-se extrair de sua análise inferências sobre o mercado mineiro. Nossa primeira abordagem consiste em avaliar as diferentes posições regionais defronte a produção, comercialização e consumo de todos os gêneros da agropecuária mineira.

Figura 1. Localidades mineiras do *Mappa* de 1840



Legenda e agrupamentos regionais

Localidades	Região
Vila Rica (1), Sabará (2), S. Bárbara (3), Queluz (4)	Centro antigo aurífero
Diamantina (5), Serro (6)	Centro antigo diamantífero
Minas Novas (7), Januária (8)	Norte
Pitangui (9), Santa Luzia (10)	Centro-oeste
Araxá (11), Uberaba (12)	Oeste
Alfenas (13), Caldas (14)	Sudoeste
Campanha (15), Lavras (16), Aiuruoca (17)	Sul central
Barbacena (18), Arrepiados (19)	Sudeste (Mata)

As informações do *Mappa* não são completas. Notamos, entretanto, que a não-informação de preços pode denotar que o produto não pertence à pauta mercantil local. E

[37] Cf. MARTINS, 1980, p. 262.

produtos cujos preços são informados em todos os locais são gêneros cuja produção ou comercialização está presente em todo o território.

A não-informação é superior a 50% para nove gêneros, ou 17,6% do total de produtos, que são responsáveis por 53,4% da não-informação. A não-informação é inferior a 50%, mas superior a 33%, para outros nove gêneros, respondendo por 31,7% da não-informação. Ou seja, 64,7% dos gêneros respondem por apenas 14,9% da não informação.

O gênero com menor nível de informação, apenas duas de dezenove, foi *pedras preciosas exceto diamante* (25,6 mil réis a arroba em Minas Novas e 80 mil em Queluz) Demais produtos de baixo nível de informação são produtos agrícolas de cultura incipiente (por vezes incentivada pelo governo provincial), como *anil*, *gengibre*, *poaia* e *quina* (e *extrato de quina*) ou transformados, da pecuária, como *chicotes*, *chapéus* e *lã*, e da agricultura, em especial: manufaturados do algodão, como algodão descaroçado (*algodão em rama*), *novelos de linha*, *colchas* e *mantas*, do fumo, como o *tabaco*, e alimentícios, como *doces*, *marmelada* e *polvilho*.

Dos cinqüenta e um gêneros da produção mineira, dezesseis (31,4%) têm informação completa de preços para as dezenove localidades. São aqueles de produção, comercialização e consumo sabidamente disseminados na Minas provincial: *açúcar*, *algodão com caroço*, *café*, *couros crus de boi*, *farinha de milho*, *feijão*, *fubá*, *fumo*, *gado vacum*, *galinhas*, *meios de sola*, *milho*, *panos grossos de algodão*, *queijos*, *rapaduras* e *toucinho*.

Das dezenove localidades pesquisadas, apenas duas fornecem preços para todos os gêneros (Minas Novas e Queluz). Em doze localidades, a não-informação é inferior a 25%. Seis localidades apresentam nível de não-informação entre 29% e 44% (Santa Bárbara, Caldas, Uberaba, Serro, Pitangui, Lavras e Sabará). Enquanto para as dezenove localidades apenas dezesseis produtos apresentaram informações completas, para as doze localidades com melhor nível de informação obtivemos trinta e um produtos com informações completas.

Elaboramos índices de preços dos gêneros da produção mineira. A primeira abordagem consiste em ponderação simples dos preços para cada localidade, cada preço médio igual a 100. Calculamos três índices segundo esta metodologia: índice para os 16 gêneros com informações completas em 19 localidades; índice dos 31 gêneros com informações completas para as doze localidades com melhor nível informativo e índice geral de 51 gêneros em 19 localidades. O resultado pode ser verificado na tabela 1.

Tabela 1. Índices de preços 1839/40, ponderação simples (média = 100)

	16 gêneros em 19 localidades	31 gêneros em 12 localidades	51 gêneros em 19 localidades
Serro	140		131
Diamantina	140	122	109
Vila Rica	136	123	124
Santa Bárbara	125		125
Barbacena	111	116	112
Sabará	107		109
Aiuruoca	104	109	114
Pitangui	103		101
Santa Luzia	100	97	94
Alfenas	95	104	108
Caldas	95		104
Januária	94	89	86
Queluz	88	91	94
Campanha	86	95	89
Araxá	84	89	91
Arrepiados	76	86	88
Lavras	73		79
Uberaba	73		78
Minas Novas	70	79	75

Fonte: APM, TMRP, Volume 1A, "Mappa Demonstrativo dos Preços...". **Metodologia:** Vide texto.

O índice mais completo, ponderado pelos dezesseis gêneros supracitados para todas as localidades da pesquisa, aponta a inserção das localidades na produção dos gêneros mais disseminados em Minas. O alto índice de preços em localidades do *centro antigo minerador* (Serro, Diamantina, Vila Rica, Santa Bárbara, Sabará, Pitangui, Santa Luzia) demonstra que estes mercados dependiam do comércio inter-regional para o abastecimento de gêneros básicos de subsistência.

O outro índice, com maior número de gêneros com informações completas (31), mas em menos localidades (12), tem significado similar. Os gêneros adicionais são habituais da produção mineira, mas menos urgentes à subsistência[38]. Este índice, quando comparado ao índice anterior, pode apontar relativização da dependência do comércio inter-regional devido a especializações regionais para o suprimento de gêneros de maior valor agregado, como o caso dos pequenos preços relativos dos diversos gados em pé em Vila Rica, Diamantina, Santa Luzia e Januária.

Os índices gerais por ponderação simples (*todos* os produtos) mostram tão-somente o nível geral de preços em cada localidade. Índices mais elevados correspondem a maiores níveis de mercantilização, como nas localidades do centro antigo minerador e em pólos mercantis do *sul mineiro* como Barbacena, Aiuruoca, Alfenas e Caldas. Para melhor distinguir o significado de cada índice, sem, ainda, verificar quais mercadorias específicas fazem o resultado ser mais ou menos elevado, repetimos os exercícios de ponderação simples para os conjuntos de mercadorias da agricultura e da pecuária (tabela 2).

Tabela 2. Índices de preços de gêneros da pecuária e da agricultura, 1839/40 (média = 100)

Agricultura	10 gêneros [a] em 19 localidades	15 gêneros [b] em 12 localidades	30 gêneros [c] em 19 localidades	Pecuária	6 gêneros [d] em 19 localidades	15 gêneros [e] em 12 localidades	19 gêneros [f] em 19 localidades
Vila Rica	173	165	160	Arrepiados	145	99	93
Diamantina	164	155	124	Aiuruoca	126	119	123
Serro	157		136	Barbacena	121	125	115
Santa Bárbara	117		113	Campanha	121	116	110
Januária	115	110	99	Lavras	114		85
Sabará	112		110	Diamantina	113	91	84
Barbacena	106	109	111	Alfenas	108	123	124
Santa Luzia	104	102	99	Minas Novas	105	92	84
Pitangui	93		95	Caldas	104		112
Aiuruoca	91	98	108	Sabará	100		103
Caldas	84		97	Queluz	97	100	97
Araxá	83	87	94	Januaria	96	73	71
Queluz	81	82	91	Santa Luzia	90	91	86
Alfenas	77	81	95	Vila Rica	86	83	85
Uberaba	75		83	Araxá	85	89	85
Campanha	74	75	75	Santa Barbara	83		145
Lavras	68		76	Serro	77		121
Arrepiados	65	68	84	Uberaba	67		70
Minas Novas	61	66	71	Pitangui	64		107

Fonte: APM, TMRP, Volume 1A, "Mappa Demonstrativo dos Preços...". **Metodologia:** Vide texto. Os gêneros componentes de cada categoria são. Agricultura: **(a)** açúcar, algodão com caroço, café, farinha de milho, feijão, fubá, fumo, milho, panos de algodão e rapaduras; **(b)** os 10 anteriores mais cera, farinha de mandioca, arroz, mamona e tábuas; **(c)** os 15 anteriores mais algodão em rama, anil, azeite de mamona, colchas, doce, extrato de quina, farinha de trigo, gengibre, linha, mantas, marmelada, poaia, quina, tabaco e toalhas. Pecuária: **(d)** couros de boi, gado vacum, galinhas, meios de sola, queijos e toucinho; **(e)** os 6 anteriores mais carne seca, couros curtidos, couros de veado, sabão, selas, gados cabrum, cavalar, lanígero e muar; **(f)** os 15 anteriores mais chapéus de lã, chicotes, gado suíno, lã.

Aprofundando este instrumento de análise, dividimos os gêneros agrícolas e da pecuária em artigos da cultura ou criação e artigos manufaturados. Os índices foram calculados através da metodologia que utiliza o maior número de gêneros (tabela 3).

[38] Os quinze gêneros são: carne seca, cera preta, couros curtidos de bezerro, couros de veado, farinha de mandioca, pólvora, sabão, selas ou selins, arroz pilado, gados cabrum, cavalar, lanígero e muar, mamona em grão e tábuas.

Tabela 3. Índices de preços da por categorias de produto (média = 100)

	Índice geral	Agricultura	Manufaturas agrícolas	Pecuária	Manufaturas pecuárias	Minerais
Serro	131	159	126	111	127	107
Santa Bárbara	125	120	108	162	125	100
Vila Rica	124	187	146	69	98	80
Aiuruoca	115	100	109	129	118	125
Barbacena	112	117	108	123	107	84
Diamantina	109	128	129	81	87	84
Sabará	109	112	111	101	104	100
Alfenas	108	66	105	113	133	151
Caldas	104	89	99	126	94	134
Pitangui	101	88	99	91	118	100
Queluz	94	85	93	92	101	118
Santa Luzia	94	108	95	85	88	107
Araxá	91	85	99	77	93	125
Campanha	89	78	73	119	103	80
Arrepiados	88	74	87	97	89	151
Januária	86	111	94	70	73	20
Lavras	79	61	80	88	82	-
Uberaba	78	70	93	68	72	-
Minas Novas	75	72	69	86	83	58

Fonte: APM, TMRP, Volume 1A, "Mappa Demonstrativo dos Preços...". **Nota:** Os produtos componentes de cada categoria são: Agricultura: algodão com caroço, anil, arroz pilado, feijão, gengibre, mamona em grão, milho, poaia, quina e taboas. Manufaturas de origem agrícola: açúcar, algodão descaroçado, azeite de mamona, café, cera, colchas, doces, extrato de quina, farinha de mandioca, de milho e de trigo, fubá, fumo, linha de algodão, mantas, marmelada, panos, rapaduras, tabaco e toalhas. Pecuária: couros de boi, gado cabrum, gado cavalar, gado lanígero, gado muar, gado suíno, gado vacum, galinhas, lã. Manufaturas de origem pecuária: carne seca, chapéus, chicotes, couros curtidos, couros de veado, solas, queijos, sabão, selas e toucinho. Minerais: pólvora e pedras preciosas exceto diamante.

A ponderação simples (peso igual para todos os produtos) não distingue a relevância dos produtos. Não temos informações para gerar índice de consumo, muito menos de produção. Mas temos boas informações sobre exportações. Procedemos, então, ponderação dos preços pelo volume exportado de cada mercadoria em 1839/40, a preços médios de mercado conforme o *Mappa* de 1840. Obtemos *índice de preços de gêneros de exportação*, que revela a posição de diversos pontos da província na produção para o mercado interprovincial, exceto ouro e diamantes (tabela 4). Este índice é calculado para todos os 51 produtos da pauta nas 19 localidades[39].

Tabela 4. Índices de preços 1839/40, ponderados pelas exportações em 1839/40 (média = 100)

Índices de exportação elevados		Índices de exportação medianos		Índices de exportação reduzidos	
Santa Bárbara	154	Alfenas	107	Arrepiados	83
Pitangui	123	Queluz	107	Araxá	82
Serro	121	Sabará	103	Lavras	82
Barbacena	120	Caldas	101	Januária	73
Diamantina	113	Campanha	100	Minas Novas	70
Aiuruoca	112	Santa Luzia	94	Uberaba	69
		Vila Rica	92		

Fonte: APM, TMRP, Volume 1A, "Mappa Demonstrativo dos Preços...". **Metodologia:** Vide texto.

[39] Os 16 gêneros com informação completa de preços representam 91% do volume exportado em 1839/40, a preços do mercado interno mineiro. Os 31 gêneros com informação completa de preços para 12 localidades representam 93% do volume exportado. O gado suíno, responsável por 6% das exportações, é produto de relevo da pauta de exportações cujos preços foram sub-informados. Supomos que, em geral, não se vendia *porcos em pé* nos mercados urbanos, mas sim na forma de toucinho, banha e carne de porco.

Atentamos para o fato de todos os produtos parecerem baratos em localidades de baixo nível de desenvolvimento econômico e, similarmente, todos os produtos parecem caros nas regiões com mercado mais desenvolvido. Para inferir sobre zonas produtoras (baixos preços) e revendedoras ou exclusivamente consumidoras (altos preços) dos produtos mineiros, compensaremos as variações regionais de preços pelo custo de vida local. Assim, para a análise por categoria de produtos, ponderamos os preços pelo índice geral da localidade, obtendo índice por produto relativo a cada localidade (vide Seção IV).

Tipos regionais de Minas Gerais e formas de inserção no mercado (1839/40)

Localidades do *centro antigo minerador* (Serro, Santa Bárbara, Vila Rica, Sabará, Diamantina) apresentam preços elevados em geral (ponderação simples). Os preços dos gêneros agrícolas, especialmente alimentícios, demonstram as dificuldades de abastecimento na região montanhosa. Entretanto, estas localidades posicionam-se de modo diferenciado no índice ponderado pelas exportações.

A vila de Santa Bárbara é área tipicamente mineradora em 1839. Abrigou a primeira companhia inglesa a explorar minas de ouro no Brasil – a Imperial Brazilian Mining Company começou a operar na mina do Gongo Soco em 1826. O retorno da mineração fez aumentar a demanda por gêneros tradicionais da pecuária mineira como o gado bovino e suíno e o toucinho. Apresenta, portanto, preços mais elevados para os gêneros de maior nível de mercantilização da produção mineira.

Diamantina e Serro constituem típicos mercados urbanos vinculados à extração diamantífera, cujo pequeno *hinterland* agrário servia-lhes de gados em pé. Apresentam estrutura de preços similares. Eram "cidades caras". Para estas duas vilas, o preço médio de gêneros agrícolas de subsistência (arroz, feijão, milho, farinha de mandioca e farinha de milho, não ponderados), é 76% maior que a média provincial. O índice de preços de exportação é elevado pela influência do preço que ali apresentavam fumo, queijos e toucinho.

Vila Rica (Ouro Preto) obteve índice elevado na ponderação simples e reduzido na ponderação por exportações. Como capital provincial, Vila Rica apresentava altíssimo custo de alimentos agrícolas, comercializados no mercado interno mineiro, mas raramente exportados. O preço médio conjunto e não ponderado de arroz, feijão, milho, farinha de mandioca e farinha de milho é 174% maior que a média provincial. O baixo índice de preços de exportações surpreende em razão dos preços relativos de alguns gêneros da pecuária no mercado local, principalmente gado bovino e seus derivados (carne seca, couros crus, couros curtidos e solas de couro), exceto o queijo.

O mercado da capital servia-se de bovinos e derivados da bacia do rio São Francisco, o rio dos currais. A rota das boiadas e porcadas no *norte de Minas* subia o rio das Velhas e passava pelo importante arraial de Santa Luzia[40]. Os preços da pecuária de Vila Rica e Santa Luzia são similares. Em Santa Luzia os preços dos produtos agrícolas, especialmente cereais e farinhas, são elevados e similares aos de Vila Rica, mas em menor proporção.

O *norte mineiro*, aqui representado por Januária e Minas Novas, é zona pouco mercantilizada, apresenta preços menores em geral. A principal atividade econômica é a pecuária extensiva. Estas localidades apresentam preços baixos para algodão com caroço e em rama, gado suíno, gado bovino e pedras preciosas. Minas Novas é particularmente bem fornida de alimentos de origem agrícola.

O *oeste mineiro*, similarmente ao norte, é zona com baixo nível de mercantilização em 1839/40. Uberaba e Araxá integram o sistema abastecedor do mercado urbano do Rio de Janeiro e apresentam preços baixos para algodão com caroço e em rama, gado suíno, toucinho, gado bovino e queijos.

---

[40] Já então duas vezes negado pedido de elevação à vila, em 1761 e 1818. No requerimento de 1761, destinado ao Rei de Portugal, informavam os moradores que "passa por este arraial a estrada tão famigerada como geral, de todos os sertões do grande Rio São Francisco, Bahia, Pernambuco e Maranhão, com infinito e numeroso comércio para todas as Minas Gerais [refere-se ao centro antigo minerador/CCR]. Como também para as minas de Paracatu e capitania de Goiás..." Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, Volume X, 1963, pp. 284-7.

Podemos identificar algumas localidades de zonas intermediárias ou *entrepostos mercantis*, onde o índice de preços não ponderado é mediano, mas o índice de exportações é elevado. As localidades adequadas a este tipo regional são Pitangui e Barbacena. Queluz, Santa Luzia e Santa Bárbara também apresentam esta configuração de preços, em menor grau (vide acima). Estão, todas, nas rotas das tropas e boiadas. O alto nível de mercantilização nestes locais encarece os preços dos produtos de exportação.

Destaca-se o índice de preços de exportações da vila de Pitangui. Localizada em zona intermediária ao *noroeste mineiro* e o *centro antigo minerador*, comercializava produtos entre estas regiões e para exportação. Apresenta altos preços dos bovinos, toucinho, fumo e café.

Queluz (hoje Conselheiro Lafaiete) não apresenta alto custo de vida, mas os produtos de exportação são muito caros ali. Localiza-se a meio caminho do *centro antigo minerador* e da zona de entreposto mercantil, especialmente de importados, de São João Del Rei.

Confirma-se a posição privilegiada das povoações nas rotas de escoamento da produção para o Rio de Janeiro. Barbacena e Aiuruoca situam-se a meio caminho da capital do Império e dos caminhos do gado dos sertões, em rotas alternativas entre São João Del Rei e o Rio de Janeiro. Nestes povoados o gado bovino e o toucinho são valorizados, compensando preços menores de produtos da especialização local, como cereais, farinhas, marmeladas, doces e derivados de algodão, em Barbacena, e cereais, farinhas, fumo e tabaco em Aiuruoca.

Outro tipo regional mineiro, segundo o índice de preços, é aquele onde os gêneros agrícolas são baratos, mas os preços da pecuária elevados, para um índice geral mediano. Aiuruoca, Alfenas, Caldas, Campanha e Lavras são zonas de produção agrícola situadas nas rotas da exportação pecuária: é o *sul de Minas*.

Alfenas, Caldas e Campanha apresentam preços maiores para o café e todas as couramas e gados (exceto o muar em Campanha), e preços menores para cereais e farinhas, fumo, toucinho, queijos, galinhas e lã. Há especializações locais, como a lã de Caldas, chapéus e chicotes de Alfenas, algodão em rama, novelos de linha, colchas e mantas baratas em Campanha, indicando possível pólo manufatureiro de derivados do algodão.

Lavras e Arrepiados são áreas produtoras de gêneros variados da agropecuária, com baixo índice de preços de exportação. Café e queijos para o abastecimento local, cereais, farinhas e fumo para o mercado regional, suínos e toucinho para o mercado inter-regional e interprovincial. Apresentam características típicas da estrutura agrária sul-mineira que deixou de abastecer a mineração; deixaram de constituir produção subsidiária do setor exportador para tornarem-se abastecedoras de mercados regionais[41].

IV – OS PREÇOS COMO UMA INDICAÇÃO DO MERCADO MINEIRO EM 1839/40

Calculamos o desvio padrão dos preços nas 19 localidades do Mappa, ponderados relativamente ao preço médio. Gêneros de produção sabidamente mais disseminada e ampla comercialização em mercados locais apresentaram o menor desvio padrão dos preços relativos: açúcar, fumo, café, algodão em rama, panos de algodão, azeite de mamona, carne seca.

Apesar de regiões especializam-se em lavouras de exportação – o fumo no extremo sul e o algodão no norte – é interessante notar que estes produtos de exportação eram produzidos em pequena escala homogeneamente através do território. A maior parte a produção mineira não tinha conotação agro-exportadora. Milhares de engenhos fabricavam açúcar, rapadura e aguardente para o consumo interno, "ladeados pela lavoura de alimentos, criação de porcos e da pecuária (…) mercadorias para o consumo dos vilarejos e cidades, nas vendas ou ranchos para abrigo das tropas (…) As terras mineiras eram ricas em engenhos, fazendas de gado,

[41] Arrepiados, atual Araponga, localiza-se na zona da mata, no extremo nordeste da zona fisiográfica (alto rio Doce). Entretanto, Arrepiados não é representativa da fronteira da expansão cafeeira na bacia do rio Paraíba, apresentando estrutura de mercado muito similar à de Lavras.

vastas plantações de milho e feijão, os ranchos bem fornidos do eterno feijão preto e toucinho, onde as galinhas e leitões também não faltavam." [42]

Tabela 5. Desvios-padrões dos preços relativos dos gêneros da produção mineira em 19 localidades em 1839/40, ponderados em relação ao preço médio de cada gênero (%)

Gêneros da pecuária				Gêneros da agricultura					
Animais em pé		**Derivados**		**Alimentos**		**Algodão e derivados**		**Exportáveis**	
Gado muar	24	Queijos	24	Farinha de milho	37	Panos grossos	20	Açúcar	13
Galinhas	31	Couros de veado	27	Idem de mandioca	37	Algodão em rama	27	Azeite de mamona	21
Gado cabrum	32	Toucinho	31	Arroz pilado	41	Idem com caroço	30	Café	23
Gado vacum	33	Solas	31	Fubá de milho	47	Mantas	39	Fumo em rama	27
Gado cavalar	39	Couros crus	35	Doces	54	Toalhas	41	Mamona em grão	34
Gado lanígero	42	Couros curtidos	48	Marmelada	56	Linha em novelos	49	Rapadura	41
Gado suíno	46	Chicotes	55	Milho	58	Colchas	69	Tabaco	51
		Lã	59	Feijão	63				

Fonte: APM, TMRP, Volume 1A, "Mappa Demonstrativo dos Preços...

Produtos manufaturados e de qualidade variável apresentam maior desvio padrão de preços relativos, especialmente derivados de algodão (colchas, toalhas, linha de algodão, mantas), tabaco, rapaduras, couros curtidos, lã e chicotes. Os gêneros mais elaborados têm fortes diferenças de qualidade que se verificam na discriminação de certas mercadorias da pauta, tais como mantas *de retalho*, toalhas *de mesa*, panos de algodão *riscado/trançado*, chapéus *de pêlo de lã, lebre ou cabra*, chapéus *de palha superiores/inferiores*, chicotes *curtos/longos simples/com anel de prata*, doces *de qualquer qualidade*, etc.

Os cereais também apresentam grande desvio padrão dos preços relativos, devido a variações regionais (da especialização agrícola e do custo de vida urbano) e sazonais (não captadas pelo caráter estático dos preços em 1839/40). Deve-se atentar para o fato de que as trocas de gêneros de pouco valor agregado, como os cereais, ocorrem no âmbito local entre as vilas e seu pequeno *hinterland* agrário[43].

Para compor o panorama de comercialização inter-regional, procedemos à comparação dos preços de cada produto ao índice geral de cada cidade, obtendo os preços relativos de cada produto em cada localidade. Este procedimento compensa o viés de baixos preços dos produtos de pouco valor agregado em localidades de baixo nível de desenvolvimento – assim como a participação da produção mercantil de cidades onde o custo de vida é alto não pode ser descartada.

IV-A – ATIVIDADES DA PECUÁRIA

Os gêneros da pecuária são, em geral, mais baratos no norte e oeste mineiro, onde os animais são extensivamente criados. Não percorrem grandes distâncias na condução aos mercados do centro da província, onde atividades pastoris se desenvolviam desde o século anterior. O elevado custo dos gêneros da pecuária no sul de Minas decorre da maior renda e comércio, da proximidade do mercado da capital imperial. Observa-se situação particular do sul de Minas na geografia das rotas da condução de dezenas de milhares de animais anuais – das boiadas dos sertões rumo ao Rio de Janeiro, das porcadas mineiras e paulistas que escoam no vale do Paraíba, das tropas de muares xucros desde a feira de Sorocaba em São Paulo.

Gado bovino

A condução de bovinos é o mais importante ramo do comércio interprovincial da pecuária mineira. Em 1828, 72.799 cabeças foram exportadas, 82% para o Rio de Janeiro;

[42] GRAÇA FILHO, 2004, pp. xvii-xviii.

[43] Sobre este fenômeno em Minas Gerais provincial, vide especialmente MARTINS & SILVA, 2003.

neste ano o consumo mineiro de bovinos seria da ordem de 71.000 cabeças[44]. O gado remetido à Corte procedia majoritariamente dos sertões do oeste, e de Goiás.

Tabela 6. Preços do gado bovino (cabeça) em 19 localidades mineiras em 1839/40
(preços relativos: média 100; preços absolutos: réis)

Menores preços relativos		Preços relativos medianos		Maiores preços relativos	
23	Vila Rica	89	Serro	124	Queluz
42	Januária	94	Uberaba	124	Arrepiados
64	Sabará	96	Araxá	127	Aiuruoca
67	Diamantina	97	Minas Novas	130	Barbacena
78	Santa Luzia	105	Caldas	131	Campanha
		111	Lavras	135	Alfenas
		116	Pitangui	140	Santa Bárbara
Menores preços absolutos		**Preços absolutos medianos**		**Maiores preços absolutos**	
4.000 a 5.000	Vila Rica, Januária	15.000	Caldas, Arrepiados	24.000	Santa Bárbara
		Comparação com São Paulo (1836)			
10.000	Curitiba, Castro	15.000	Franca	20.000 a 30.000	"Muitos povoados"

Fonte: APM, TMRP, Volume 1A, "Mappa Demonstrativo dos Preços..."; São Paulo: MULLER, 1978, p. 123.

A disseminação da criação de bovinos através do território barateava o fornecimento de carne verde ao mercado do centro da província. O baixo preço absoluto das reses em grande parte do território mineiro rivalizava com os preços das zonas criadoras de São Paulo (vide tabela 6). O gado do norte de Minas, dos currais do rio São Francisco, complementava o abastecimento dos mercados do centro da província, havendo importante feira em Santa Luzia.

A maior receita deste negócio provinha do comércio com o Rio de Janeiro. O preço do gado vacum quadriplicava entre as feiras na boca do sertão e as feiras fluminenses. Interessante documento manuscrito faz minuciosa descrição do mecanismo de fornecimento de reses ao Rio de Janeiro.

"Divide-se o negócio do gado em 4 classes de boiadeiros: 1º Os que vão aos centros criadores comprar o gado que conduzem para as feiras de Uberaba, Paracatu, Dores de Indaiá e Araxá. 2º Os que vão a estes pontos comprá-lo para invernar nos centros invernistas. 3º Os que compram aos invernistas e mesmo invernistas que os conduzem ao mercado da Corte. 4º Os Marchantes que comprando aos da terceira classe vendem aos Açougueiros, no Matadouro Público.

"Os Centros Criadores são: Na Província de Mato Grosso (...). Na Província de Goiás (...). Na Província de S. Paulo (...). Na Província de Minas, as Comarcas de Paraná, Parnaíba, Paracatu, Rio de São Francisco e Indaiá (...) distantes dos centros invernistas de 50 a 150 léguas.

"Os Centros Invernistas são: Na Província de São Paulo, a Comarca de Franca. Na Província de Minas, as Comarcas de Sapucaí, Jaguari, Rio Grande, Rio Verde e em pequena escala a do Rio das Mortes (...) e estão em um círculo cujo centro é a Corte tendo um raio de 60 a 100 léguas.

"Os Boiadeiros de 1ª Classe seguem para os centros criadores (aqui lhe chamam sertão) lugares inteiramente faltos de recursos, que a não ser gado nada mais se encontra. Compram boiadas de 500 a 1000 cabeças pelos preços seguintes: Vacaria (gado de 10 a 12 arrobas) de 6$ a 8$000; Novilhado (12 a 14 arrobas) de 8$ a 10$000; Bois Carreiros (mais de 14 arrobas) de 10$ a 12$000. Estas boiadas são conduzidas para Uberaba, Paracatu, Araxá, Dores de Indaiá, Desemboque, Abadia e outros lugares além do Rio Grande, aonde vendem aos invernistas. (...)

"Os Boiadeiros de 2ª Classe compram as boiadas segundo a força das invernadas de que dispõem. (...) As compras regulam: Vacaria de 10$ a 12$000; Novilhos de 16$ a 18$000; Bois carreiros de 20$ a 22$000. (...) Muitas vezes os boiadeiros da 1ª classe não podendo dispor de suas boiadas nas feiras indicadas procuram os centros invernistas para dispor delas, e então regulam os preços mais 4$ e 5$000. O gado leva de 6 a 8 meses para engordar, fazendo despesa de sal, costeio, aluguel de invernada ou juro equivalente ao capital nela empregado. Essa despesa varia para mais segundo o custo do sal, que é importado dos mercados de Santos e da Corte. Uma rês precisa de meia carga de sal cujo custo é de 5$ 6$ a carga. A mortandade nas invernadas regula de 5 a 6%.

"Os boiadeiros de 3ª Classe compram gado aos invernistas e alguns destes mandam de sua conta para o mercado da Corte, tiram o gado das invernadas em pontas de 80 a 100 reses, gastando em viagem, segundo as procedências, de 20 a 30 dias, fazendo uma despesa média de 6$000 por cabeça incluindo 2$040 de direitos e

[44] Exportações em 1828 transcritas por Roberto Martins (APM, SP, PP 1/6, Cx. 1 Doc. 18). Consumo segundo coeficiente *per capita* (0,1094) da província de São Paulo em 1836 (MULLER, 1978, pp. 129 e 154; MARTINS, 1980, p. 284) aplicado à população mineira em 1828 (649.081 habitantes) estimada por interpolação geométrica dos dados de 1808 e 1835 (ESCHWEGE, 2002, p. 152; PAIVA, 1996, p. 52).

barreira. As despesas avultam porque de certa altura de Minas até a Serra da Mantiqueira, fazem as boiadas pasto na razão de 20rs. diários, e deste ponto até Machambomba e Brejo pagam na razão de 40rs. Os gados comprados aos boiadeiros da 1ª classe chegam ao mercado da Corte com uma despesa de 17$000. (...) Em Machambomba e no Brejo o boiadeiro vende diretamente ao Marchante ou entrega ao Comissário. A mortandade e extravio das boiadas na condução regula a 3%. (...) O gado chega às feiras de Machambomba e Brejo ao preço médio de 43$126." [45]

O esquema de comercialização privilegiava a intermediação dos mineiros. Os boiadeiros sertanejos negociavam nas feiras livres do oeste mineiro e vendiam aos invernistas, que revendiam ou levavam o gado à Corte. Fazendas na região de Alfenas eram conhecidas como grandes centros de invernada, permitindo aos proprietários manipular expressivo comércio regional: "seus ponteiros tinham larga atuação, alcançando principalmente a produção do gado goiano." [46] Os caminhos do gado desde o oeste de Minas, do rio Grande e ao norte, das nascentes do rio São Francisco e além, do alto rio Paranaíba, dos sertões do Triângulo, Paracatu e Goiás, afunilam-se na região de São João Del Rei em direção à Corte.

Queijos

O gado bovino mineiro, além de suprir a carne verde de Minas e da Corte, abastecia de queijos mercados locais e regionais. A inexistência de progresso técnico na queijaria caracteriza esta atividade como secundária às atividades principais da fazenda. Ainda, o comércio do queijo foi importante fonte de renda complementar para as fazendas.

Tabela 7. Preços do queijo (unidade) em 19 localidades mineiras em 1839/40
(preços relativos: média 100; preços absolutos: réis)

Menores preços relativos		Preços relativos medianos		Maiores preços relativos	
55	Uberaba	95	Minas Novas	113	Pitangui
63	Araxá	95	Barbacena	118	Diamantina
76	Queluz	96	Campanha	121	Santa Luzia
78	Sabará	99	Januária	135	Lavras
79	Alfenas	102	Santa Bárbara	136	Serro
81	Arrepiados			137	Vila Rica
82	Caldas				
Menores preços absolutos		**Preços absolutos medianos**		**Maiores preços absolutos**	
120 a 160	Uberaba, Araxá	240 a 320	6 localidades	480 a 500	Vila Rica, Serro

Fonte: APM, TMRP, Volume 1A, "Mappa Demonstrativo dos Preços..."

Os queijos alcançavam menores preços nas regiões produtoras, como Alfenas, Uberaba e Araxá (vide tabela 7), de onde provinha o famoso *queijo canastra* ou popular *queijo minas*. Os queijos do das regiões produtoras destinavam-se ao mercado, não eram excedentes eventuais.

A distribuição dos queijos do oeste mineiro envolvia os comerciantes da região de São João Del Rei, próxima a Lavras, onde o preço do queijo era elevado, devido ao alto nível de mercantilização, apesar da região ser também produtora. São João exportava para fora de seu termo municipal mais queijos do que as exportações totais da província, que não eram insignificantes[47]. Produtos mineiros de grande aceitabilidade no mercado da Corte, como o queijo, tinham ativo mercado dentro da província.

[45] Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Lata nº 388, Documento 51, "Apontamentos Relativos ao Negócio de Gado Desde os Centros Criadores até o Consumo na Corte", assinado por Lazaro José Filho em 14/12/1865, *apud* GOULART, 1965, pp. 103-9.

[46] PAIVA, 1996, p.122; LENHARO, 1993, p. 86.

[47] Em 1854, os sanjoanenses obtiveram receita de 264 contos de réis na venda de queijos para fora do termo (GRAÇA FILHO, 2002, pp. 57-8). Os negociantes de São João teriam vendido cerca de 900 mil queijos, dependendo do preço; em 1840, custava 300 réis em Lavras. As exportações totais de queijos pela província naquele ano foram inferiores a 500 mil unidades e perfaziam 2,3% do valor total exportado, a preços oficiais (exportações médias de 1853/54 e 1854/55, Arquivo Público Mineiro, Tabelas da Mesa de Rendas Provinciais, Volume 3).

Couros e solas

Couros crus e preparados constituíam gêneros essencialmente mercantis, adquiridos nos sertões em troca de importações. Os couros eram importantes subprodutos do gado bovino na região noroeste de Minas, em Paracatu e Januária, e em Goiás[48].

Em Januária, os preços relativos de todos os tipos de couramas (solas, couros de boi, couros curtidos de bezerro, couros de veado) eram inferiores a 50% da média. Eram também muito baratas em Vila Rica e Diamantina, e caras no sul (Alfenas, Aiuruoca, Arrepiados e Caldas).

Como artigos de exportação, couros crus eram remetidos ao Rio de Janeiro, enquanto a comercialização das solas ocorria desde o oeste, Paracatu e Goiás, para o consumo em São Paulo, via Uberaba e Desemboque (registros de Ponte Alta, Santa Bárbara e Jacuí).

Gado suíno

A suinocultura era importante característica da economia mineira. Destinava-se à comercialização do gado em pé e à fabricação do toucinho. O abastecimento interno supria-se de animais da criação local de cada região. A criação demandava quantidades de milho, gênero de produção mineira, e sal, artigo de importação.

Tabela 8. Preços do gado suíno (cabeça) em 15 localidades mineiras em 1839/40 *
(preços relativos: média 100; preços absolutos: réis)

Menores preços relativos		Preços relativos medianos		Maiores preços relativos	
53	Arrepiados	82	Araxá	122	Aiuruoca
60	Uberaba	83	Barbacena	167	Campanha
62	Minas Novas	88	Lavras	224	Santa Bárbara
74	Queluz	89	Caldas		
75	Santa Luzia	94	Vila Rica		
		97	Alfenas		
Menores preços absolutos		**Preços absolutos medianos**		**Maiores preços absolutos**	
4.000	Uberaba, Minas Novas, Arrepiados	8.000 a 9.000	Caldas, Alfenas, Barbacena	24.000	Santa Bárbara
		Comparação com São Paulo			
5.000	Franca, Itapeva	8.000 a 12.000	"O geral"	20.000	Curitiba, Vila Nova do Príncipe

Fonte: APM, TMRP, Volume 1A, "Mappa Demonstrativo dos Preços..."; São Paulo: MULLER, 1978, p. 123.
Nota: Não foram informados os preços dos porcos em Diamantina, Januária, Pitangui, Sabará e Serro.

Em 1828, 48.559 cabeças foram exportadas para fora da província. Neste ano o consumo mineiro de suínos seria da ordem de 137.000 cabeças[49]. Ou seja, mais de um quarto da criação mineira seria destinada ao comércio interprovincial – o mercado da Corte interessava aos atravessadores. Os suínos conduzidos para os diversos mercados percorriam grandes distâncias. Advinham principalmente de do oeste mineiro, como Uberaba, Araxá, Pitangui e Santa Luzia (vide tabela 8). [50]

[48] Em 1861, a pauta de exportação de goiana para Minas continha apenas 11 itens, todos gados ou couros. Os gêneros e seus respectivos preços oficiais sobre os quais era cobrada taxa de 10% na recebedoria goiana de Santa Rita do Paranahyba eram: boi (ou garrote) 25$000, cavalo 40$000, porco 12$000, ovelha (ou carneiro e cabra) 2$000, vaqueta 8$000, couro seco de boi (ou meio de sola) 4$000, couro de veado mateiro (ou cervo) 2$000, couro de veado catingueiro (ou campeiro e de lontra ariraúba ou guariba) 1$000, couro de onça pintada 6$000, couro de onça tigre 12$000, couro de cabra (ou ovelha ou porco de qualquer espécie) $500 (GOIÁS, 1861, p. 39).

[49] Exportações em 1828 transcritas por Roberto Martins (APM, SP, PP 1/6, Cx. 1 Doc. 18). Consumo segundo coeficiente *per capita* (0,211) da província de São Paulo em 1836 (MULLER, 1978, pp. 129 e 154; MARTINS, 1980, p. 284) aplicado à população mineira em 1828 (649.081 habitantes) estimada por interpolação geométrica dos dados de 1808 e 1835 (ESCHWEGE, 2002, p. 152; PAIVA, 1996, p. 52).

[50] Na década de 1850, localidades do sudoeste mineiro, como Caldas e Alfenas, também criavam "suínos que eram destinados tanto para a fabricação do toucinho como para a exportação do gado em pé" (MARTINS & SILVA, 2003, p. 25). Entretanto, o *Almanach Sul-Mineiro* (VEIGA, 1874) não menciona a suinocultura entre as atividades de exportação

Avultava a quantidade de suínos de São Paulo que entravam em Minas Gerais – cerca de um terço da quantidade exportada de Minas para o Rio de Janeiro. Os suinocultores do oeste paulista eram migrantes mineiros que perpetuavam a atividade e remetiam porcos ao vale do Paraíba e também à Corte. [51] A evidência tem origem fiscal. A partir de 1850, foram cobradas taxas itinerárias específicas sobre o gado suíno ("taxas da 5ª exceção"). Na maior parte das recebedorias da fronteira, o número de suínos transeuntes era idêntico ao de exportados; em algumas os números não coincidem. Nas recebedorias da fronteira sudoeste de Minas, com São Paulo (sejam: Jacuí, Cabo Verde, Caldas, Ouro Fino e Campanha de Toledo), as exportações totais de suínos somam menos de mil cabeças no qüinqüênio fiscal 1850/55. As taxas itinerárias da 5ª exceção dizem que, por aqueles registros, transitaram mais de 63 mil porcos naqueles cinco anos. [52]

Toucinho

O suprimento de toucinho era a mais importante atividade do setor mercantil de gêneros do abastecimento interno. Envolvia a criação e condução do gado em pé, sua transformação em toucinho e posterior distribuição inter-regional e interprovincial. Enquanto a criação de porcos estava presente em mais de 90% dos municípios mineiros, apenas 30% industrializavam-no em toucinho, todos também envolvidos em sua comercialização[53].

Tabela 9. Preços do toucinho (arroba) em 19 localidades mineiras em 1839/40
(preços relativos: média 100; preços absolutos: réis)

Menores preços relativos		Preços relativos medianos		Maiores preços relativos	
51	Uberaba	88	Campanha	122	Pitangui
54	Araxá	94	Serro	128	Santa Luzia
57	Alfenas	99	Vila Rica	130	Sabará
62	Lavras	105	Minas Novas	131	Queluz
70	Arrepiados	110	Barbacena	141	Diamantina
71	Caldas	114	Januária	148	Santa Bárbara
81	Aiuruoca				
Menores preços absolutos		**Preços absolutos medianos**		**Maiores preços absolutos**	
1.280 a 1.600	Uberaba, Araxá, Lavras	3.000 a 3.200	14 localidades	5.000 a 6000	Diamantina, Santa Bárbara
		Comparação com São Paulo			
2.000	Cunha, Itapetininga	2.560 a 3.200	"muitas povoações"	7.000	Villa do Príncipe

Fonte: APM, TMRP, Volume 1A, "Mappa Demonstrativo dos Preços..."; São Paulo: MULLER, 1978, p. 123.

Comerciantes tão-somente da região de São João Del Rei exportavam para outras regiões de Minas quantidades de toucinho, banha e carne de porco, maiores do que as

interprovincial da região. Os preços dos suínos eram medianos no sudoeste de Minas em 1839/40, talvez devido ao alto nível de mercantilização, pois a região figura como produtora de toucinho.

[51] "A maior parte da zona oeste e sudoeste de S. Paulo foi invadida por mineiros, criadores de bois e de porcos. Cidades paulistas do extenso valle do Rio Pardo, 'o mais rico de todo o Brasil'; as novissimas lavouras de café nas bacias do rio Pardo, Tietê e Paranapanema foram, até 1874, mais ou menos, centros de criação de gado (bois e porcos), geralmente explorados por mineiros." (MELLO, 1903, pp. 30-1).

[52] APM, TMRP, Vol. 3, mapas de taxas de exportação e de taxas itinerárias. No período 1850-1884, a correlação das entradas anuais de suínos paulistas e saídas de suínos mineiros (via Sapucaí-mirim e Picu) é muito alta (0,88), ou seja, se os mineiros necessitassem demandar porcos de São Paulo não estariam aumentando suas exportações. Cabe observar que o regulamento para cobrança de taxas nas recebedorias não especifica se o gado suíno a portar guia de ter pagado taxa da 5ª exceção na entrada seria isento de taxa de exportação na saída; apenas os gêneros portando guia de ter pagado taxa de exportação de outra província seria isento. Ou seja, sabemos que milhares de porcos eram conduzidos desde São Paulo através de Minas Gerais, mas não sabemos se este gado deve ser adicionado ao fluxo total de suínos mineiros ou subtraído das exportações de Minas.

[53] MARTINS & SILVA, 2003, pp. 16-17.

recebedorias na fronteira registravam para o comércio interprovincial[54]. Este toucinho comercializado na região dos *campos das vertentes*, região de São João, Oliveira, Lavras e Barbacena, advinha do termo municipal e de outras localidades produtoras, especialmente do oeste de Minas, como os três locais de menores preços relativos no Quadro III-1-D, áreas de tradicional suinocultura. Do toucinho comercializado pelo mercado de São João Del Rei em 1854, 38% foi produzido em outros municípios[55], talvez distantes, talvez vizinhos, como Oliveira e Lavras, onde o preço da arroba era, também, muito inferior à média provincial.

Gado muar

A criação de mulas estava presente em cerca de dois terços dos municípios mineiros; a criação tinha caráter mercantil em cerca de 40% dos municípios criadores[56]. Embora houvesse criação em Minas Gerais, as bestas muares do sul do país, da feira de Sorocaba, eram favoritas por suas maior força e resistência[57]. As mulas de criação mineira não competiam com as bestas fortes do sul do país. A diferença de qualidade explica porque as mulas mineiras mais baratas que as paulistas (vide tabela 10).

Tabela 10. Preços do muar (cabeça) em 17 localidades mineiras em 1839/40 *
(preços relativos: média 100; preços absolutos: réis)

Menores preços relativos		Preços relativos medianos		Maiores preços relativos	
65	Vila Rica	93	Aiuruoca	118	Araxá
71	Queluz	99	Alfenas	118	Lavras
74	Diamantina	103	Caldas	120	Barbacena
82	Serro	103	Uberaba	143	Santa Luzia
86	Santa Bárbara	107	Minas Novas	155	Januária
90	Campanha	109	Arrepiados		
Menores preços absolutos		**Preços absolutos medianos**		**Maiores preços absolutos**	
25.000	Queluz	30.000 a 40.000	13 localidades	50.000	Barbacena, Santa Luzia, Januária
Comparação com São Paulo (1836)					
40.000	"Em geral"	50.000	"Em geral"	60.000	"Em geral"

Fonte: APM, TMRP, Volume 1A, "Mappa Demonstrativo dos Preços..."; São Paulo: MULLER, 1978, p. 123.
Nota: Não foram informados os preços dos muares em Pitangui e Sabará.

A demanda por animais de carga em Minas Gerais advinha do setor mercantil, envolvido na distribuição da produção mineira e das importações. A economia da província interior caracterizava-se por uma dependência funcional extrema em relação aos sistemas de transporte e comercialização, necessitando, para seu bom funcionamento, de um fluxo constante e regular de abastecimento de animais de carga.

As mulas eram essenciais para a articulação dos mercados regionais mineiros, entre si e com outras províncias. Participavam ativamente do transporte de todos os gêneros. Estimamos 62 mil viagens de bestas foram necessárias para as exportações mineiras em 1828

[54] Em 1854, São João Del Rei exportou para fora de seu termo municipal 678 contos de réis em toucinho (GRAÇA FILHO, 2002, p. 57). O preço oficial corrente (Pauta de 1841) era 2$000 réis a arroba. Em 1839/40, o preço médio de mercado regulava em 3$247 e na vizinha vila de Lavras era apenas 1$600 - talvez área produtora. A pauta de 1859 (portaria de 8/2) modificou o preço oficial para 3$000 e a de 1860 (ato de 19/10) para 6$000. A 3$000 a arroba, os comerciantes de São João distribuíram 226 mil arrobas de toucinho em 1854. A também vizinha vila de Oliveira declarou que "entre 1852 e 1854, exportara mais de 800 mil arrobas de toucinho" (FRAGOSO, 1998, p. 129), não nos parecendo claro se a notícia que nos dá a câmara municipal (em resposta ao inquérito do Ministério do Império) refere-se a três anos de janeiro a dezembro ou dois anos fiscais de julho a junho. Entre 1852 e 18554 as recebedorias de Minas registraram média superior a 240 mil arrobas anuais exportadas (MARTINS & MARTINS, 1982, Anexo I).

[55] GRAÇA FILHO, 2002, pp. 57-8.

[56] MARTINS & SILVA, 2003, p. 16.

[57] Uma tropa de bestas capazes de carregar 150% do peso ordinário atribuído poupa o emprego de mais bestas e o pagamento de taxas nos postos fiscais, que contabilizavam peso padrão de oito arrobas por animal.

e 78 mil em 1839, aumento devido à triplicação das remessas de café.[58] O comércio interprovincial representa apenas uma parcela da movimentação de mercadorias mineiras, portanto é possível imaginar a importância da criação e comércio de bestas para a economia mineira provincial.

Os preços do gado muar nos mercados regionais mineiros eram regulados pela oferta de animais de melhor qualidade. O preço dos muares em Minas apresentava o quarto menor desvio-padrão relativo ao preço médio dentre os 51 produtos da produção mineira. Os maiores preços absolutos eram encontrados em áreas ligadas a ramificações secundárias da comercialização das "bestas paulistas", como a zona da expansão cafeeira (Barbacena e Aiuruoca) e a região média do rio das Velhas e São Francisco, na estrada geral do centro antigo minerador para os sertões (Santa Luzia e Januária).

IV-B – ATIVIDADES AGRÍCOLAS DE SUBSISTÊNCIA

A maior parte dos arraiais de Minas produzia seu próprio sustento[59]. Alguns, poucos, dependiam do comércio regional para o abastecimento, como a capital Vila Rica, áreas diamantíferas, como Serro e Diamantina, ou regiões sertanejas de pecuária extensiva, como Januária (Tabela 11).

Tabela 11. Preços absolutos (réis) do arroz, feijão e milho em 19 localidades mineiras em 1839/40

Menores preços absolutos		Maiores preços absolutos	
	Arroz		
1.500 a 1.600	Minas Novas, Queluz, Alfenas, Campanha,	5.000 a 8.000	Serro, Diamantina, Vila Rica
	Comparação com São Paulo		
1.440 a 1.600	Iguape	3.000	Santos
	Feijão		
500 a 960	Arrepiados, Lavras, Uberaba	3.500 a 6.400	Januária, Diamantina, Serro, Vila Rica
	Comparação com São Paulo		
500 a 720	Constituição, Franca, Araraquara, Cunha	3.000	Lorena, Castro, Paranaguá
	Milho		
400 a 480	Arrepiados, Lavras, Alfenas, Pitangui	1.600 a 3.200	Serro, Diamantina, Vila Rica
	Comparação com São Paulo		
500 a 640	Franca, Bragança, Constituição, P. Feliz	1.000	Bananal, Castro, Antonina

Fonte: APM, TMRP, Volume 1A, "Mappa Demonstrativo dos Preços..."; São Paulo: MULLER, 1978, p. 123.

O custo de alimentação na capital provincial era elevado: feijão, milho e arroz tinham preços superiores ao triplo da média provincial (tabela 12). Cereais eram caros também em Januária, Diamantina e no Serro. Dos centros produtores, destacam-se Lavras, Alfenas, Pitangui e Campanha, dentre outros: mais de 30% das cidades apresentaram preços do milho e feijão inferiores a 50% da média provincial, e mais de 50% das cidades preços inferiores a 70% da média provincial.

A variedade de preços repete-se nos gêneros alimentícios transformados (tabela 13). Para as variedades de farinha (de trigo, de milho, de mandioca, fubá de milho e polvilho de mandioca) as variações regionais de preços são altamente correlacionadas com as dos cereais.

[58] Viagens de bestas estimadas considerando todas as exportações transportáveis feitas sobre mulas, em cargas de oito arrobas ou equivalente, conforme o regulamento dos registros. Segundo o Inspetor da Mesa das Rendas Provinciais de Minas Gerais, em relato de 1855, "os Administradores das Recebedorias, na conformidade dos Regulamentos, calculam em 8 o número de arrobas que carrega uma besta" (APM, PP 1/40, Cx. 37 Doc. 10). Em 1828 foram exportadas 81,3 mil arrobas de café; em 1839, foram 243,5 mil arrobas.

[59] Cerca de 95% dos municípios produziam arroz, feijão e milho suficientes para a subsistência, e cerca de 70% comercializavam estes gêneros (MARTINS & SILVA, 2003, p. 14).

Tabela 12. Preços relativos médios do arroz, feijão e milho em 19 localidades mineiras em 1839/40

Menores preços relativos				Preços relativos medianos		Maiores preços relativos	
45	Alfenas	68	Caldas	86	Santa Bárbara	122	Santa Luzia
51	Arrepiados	68	Minas Novas	97	Araxá	142	Serro
58	Campanha	74	Pitangui	99	Sabará	144	Januária
61	Aiuruoca	75	Uberaba			176	Diamantina
63	Lavras	78	Barbacena			246	Vila Rica
64	Queluz						

Fonte: APM, TMRP, Volume 1A, "Mappa Demonstrativo dos Preços..."

Tabela 13. Preços relativos médios das variedades de farinha, 19 localidades, 1839/40

Menores preços relativos				Preços relativos medianos		Maiores preços relativos	
39	Lavras	79	Alfenas	90	Queluz	107	Uberaba
56	Arrepiados	82	Barbacena	92	Minas Novas	152	Diamantina
68	Campanha	82	Santa Bárbara	98	Serro	166	Vila Rica
73	Pitangui			99	Sabará	171	Januária
74	Aiuruoca			99	Santa Luzia		
74	Caldas			101	Araxá		

Fonte: APM, TMRP, Volume 1A, "Mappa Demonstrativo dos Preços..."

Tabela 14. Preços relativos médios da mamona em grão, 19 localidades, 1839/40

Menores preços relativos				Preços relativos medianos		Maiores preços relativos	
54	Alfenas	78	Queluz	94	Uberaba	131	Barbacena
62	Campanha	81	Araxá	100	Arrepiados	140	Serro
64	Aiuruoca	81	Minas Novas	108	Sabará	141	Santa Luzia
70	Caldas	84	Diamantina	116	Pitangui	147	Vila Rica
70	Lavras					169	Januária

Fonte: APM, TMRP, Volume 1A, "Mappa Demonstrativo dos Preços..."

Tabela 15. Preços relativos médios do azeite de mamona, 19 localidades, 1839/40

Menores preços relativos		Preços relativos medianos				Maiores preços relativos	
62	Araxá	90	Arrepiados	101	Sabará	113	Uberaba
71	Minas Novas	94	Queluz	102	Alfenas	118	Campanha
71	Vila Rica	96	Auiruoca	105	Caldas	157	Barbacena
83	Lavras	101	Serro	106	Santa Bárbara		
87	Pitangui	101	Diamantina	106	Santa Luzia		

Fonte: APM, TMRP, Volume 1A, "Mappa Demonstrativo dos Preços..."

A produção de mamona envolvia amplo comércio interno, uma vez que o azeite dela derivado era indispensável combustível. A produção destinada ao mercado era superior à produção de subsistência[60]. É interessante notar que o padrão de variações nos preços do azeite não acompanha as da mamona em grão (tabelas 14 e 15).

Para doces e marmeladas, as especializações são distintas. Na produção de ambos, destacam-se Barbacena e Santa Bárbara. Doces são também produzidos em Diamantina e Januária; marmeladas, em Minas Novas, Sabará e Campanha.

[60] MARTINS & SILVA, 2003, p. 14.

IV-B – ATIVIDADES AGRÍCOLAS DE EXPORTAÇÃO

Algodão e derivados

A transformação do algodão pode ser observada internamente à província. Algodão cru, com caroço, vem de Minas Novas e Januária. É descaroçado nas regiões produtoras e também vendido com caroço aos centros manufatureiros.

Tabela 16. Preços relativos do algodão cru e gêneros derivados (preço médio = 100)

Gênero	Três localidades de preços menores						Três localidades de preços maiores					
Alg. c/ caroço	M. Novas	49	Vila Rica	62	Januária	62	Caldas	136	Barbacena	134	Arrepiados	133
Alg. em rama	Campanha	61	Januária	77	Vila Rica	82	Barbacena	142	Serro	125	S. Bárbara	110
Linha de alg.	Campanha	41	Queluz	54	M. Novas	59	Barbacena	177	Arrepiados	153	Lavras	146
Panos de alg.	Pitangui	64	Sabará	68	Diamantina	69	Arrepiados	151	Alfenas	117	Araxá	115
Mantas	Diamantina	46	Campanha	56	Serro	77	Arrepiados	179	Aiuruoca	165	Alfenas	140
Colchas	Januária	32	Campanha	47	Barbacena	49	Uberaba	264	Aiuruoca	162	Alfenas	137
Toalhas	Arrepiados	64	Queluz	66	Aiuruoca	83	Araxá	183	M. Novas	134	Campanha	103

Fonte: APM, TMRP, Volume 1A, "Mappa Demonstrativo dos Preços...".

O custo do algodão em rama e da linha de algodão é especialmente baixo em Campanha, Queluz, Vila Rica, Minas Novas e Januária. O famoso pano grosseiro de algodão mineiro, 8,4% da exportação provincial 1839/40, é produzido em todos lugares; seu preço relativo é mais baixo em cidades de alto índice geral de preços como Pitangui, Sabará, Diamantina e Santa Bárbara. Há dois pólos de produção de colchas, mantas e toalhas: ao sul, Campanha, Barbacena e Aiuruoca; ao norte, Diamantina, Serro e Januária.

Gêneros destinados a outras províncias

O café é relativamente mais caro no sudoeste de Minas, onde, em 1840, há produção voltada para exportação, enquanto que no interior sua cultura é disseminada na subsistência[61]. A única localidade da "Mata" na pesquisa de preços é a freguesia de Arrepiados (atual Araponga, próxima a Viçosa) no extremo nordeste desta zona fisiográfica, no alto rio Doce, portanto não representativa da fronteira da expansão cafeeira em curso na bacia do rio Paraíba.

Tabela 17. Preços relativos dos gêneros agrícolas de exportação (preço médio = 100)

Gênero	Três localidades de preços menores						Três localidades de preços maiores					
Café	S. Bárbara	52	Serro	55	Queluz	83	Alfenas	133	Caldas	132	Araxá	130
Fumo em rama	Alfenas	52	Aiuruoca	64	Arrepiados	67	Serro	139	Sabará	136	Diamantina	123
Tabaco	Campanha	35	Queluz	41	M. Novas	50	Vila Rica	244	Araxá	206	S. Luzia	112
Açúcar	S. Bárbara	61	Queluz	79	Pitangui	88	Lavras	129	Araxá	123	Serro	122
Rapadura	Alfenas	50	S. Bárbara	51	Campanha	53	Diamantina	211	Vila Rica	173	Uberaba	153

Fonte: APM, TMRP, Volume 1A, "Mappa Demonstrativo dos Preços...".

Confirma-se a preponderância sul-mineira na produção de fumo, com destaque para Alfenas e Aiuruoca, além de toda região de Campanha, então cabeça da comarca do Rio Sapucaí (a porção oriental da antiga comarca do Rio das Mortes) que fornece a matéria prima para a transformação do *fumo em folha* em tabaco. O tabaco era então vendido no mercado interno provincial, sendo exportada somente quatro arrobas por ano no decênio 1839/49.

[61] 3,5 toneladas exportadas na recebedoria de Jacuí em 1842/43.

A cana-de-açúcar ocupava ampla porção do solo em toda a Província; o açúcar é o produto de menor desvio padrão do preço relativo[62]. Assim, é relativamente barato nas áreas urbanas do centro antigo minerador. A aguardente era isenta de taxa de exportação e, portanto, seu preço não foi incluído na pesquisa de 1840.

V – CONSIDERAÇÕES FINAIS

"O perfil diversificado e dinâmico da economia mineira no século XIX está consolidado. Há muitos pontos ainda obscuros e cuja investigação é dificultada pela indisponibilidade de fontes" (PAIVA, 1996, p. 28).

Esta pesquisa utilizou fontes inéditas sobre os preços em Minas Gerais provincial para inferir sobre o mercado mineiro e seus produtos. Qualificamos a "diversidade regional mineira", espécie de "muleta historiográfica" utilizada para explicar as contradições da economia mineira provincial aos modelos genéricos da história do Brasil Imperial.

Observamos diferentes formas de inserção nos mercados dos diversos produtos. Algumas regiões constituíam áreas de baixíssimo nível de mercantilização, mas suas atividades produtivas tinham elos com mercado distantes, como os gados e algodões dos sertões. A região central constituía área de altíssimo nível de mercantilização, mas seu médio *hinterland* agrário supria a quase totalidade da subsistência. Entre estes tipos regionais extremos, encontramos localidades com as mais díspares configurações mercantis. A diversidade regional estava presente nas estruturas produtivas locais, nenhuma região especializa-se completamente em atividades mineradoras, pecuárias ou agrícolas.

As localidades mineiras pesquisadas não eram auto-suficientes em 1839. As regiões mineiras interagiam entre si e com outras províncias. As atividades agropecuárias das regiões sul, oeste e norte de Minas geravam excedentes regulares para o suprimento do mercado urbano do centro da província, antigo minerador, e da Corte. Em contrapartida, demandavam grandes quantidades de importados – sal, ferragens, escravos, animais de carga, artigos de luxo.

As distâncias e precariedade dos caminhos na província montanhosa eram empecilhos ao desenvolvimento do setor mercantil nas exportações de abastecimento interprovincial. A relevância do mercado da Corte para a economia mineira em 1839 é menor que em 1828 e 1819. Em contrapartida, a distribuição das importações desde o Rio de Janeiro servia-se de rotas consolidadas nas trocas inter-regionais. Atividades de condução de gados em pé perpetuavam laços históricos do comércio de abastecimento do centro-sul do Brasil. Intrincadas redes de comercialização, especialmente de bovinos, muares e suínos, desde os sertões do Brasil central e campos do sul do país e do oeste paulista, conectavam-se na região sul de Minas.

Perseguimos, nesta pesquisa, tão-somente o objetivo de apresentar, criticar e extrair o máximo de informações de fontes ainda não trabalhadas pela historiografia. Nossas inferências sobre o funcionamento de diversos mercados em Minas não esclarecem muitos pontos ainda obscuros sobre a economia mineira no século XIX. A pesquisa de preços de mercado em 1839/40 não esgota a qualificação do perfil diversificado e dinâmico de Minas provincial.

BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, Waldemar de Almeida. *A decadência das minas e a fuga da mineração*. Belo Horizonte: UFMG, 1971.

_____. *História de Minas*. Vols. 2 e 3. Belo Horizonte: Ed. Comunicação, 1979.

[62] "Na terra das minas a paisagem vertia engenhos de cana e casas de negócio" (GODOY, 2004, *passim*).

BROWN, Larissa Virginia. *Internal commerce in a colonial economy: Rio de Janeiro and its hinterland, 1790-1822*. Tese de Doutorado. University of Virginia, 1986.

CARRARA, Ângelo Alves. *Agricultura e Pecuária na Capitania de Minas Gerais (1674-1807)*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1997.

_____. "A capitania de Minas Gerais (1674-1835): modelo de interpretação de uma sociedade agrária". História Economia & História de Empresas, ano III, vol. 2, p. 47-63, 2000.

CHAVES, Cláudia Maria das Graças. *Perfeitos Negociantes: Mercadores das Minas Setecentista*. São Paulo: Annablume, 1999.

CUNHA, Alexandre Mendes. *Vila Rica - São João del Rey: as voltas da cultura e os caminhos do urbano entre o século XVIII e o XIX*. Dissertação de Mestrado, UFF, 2002.

DEAN, Warren K. "Comments on 'Slavery in a Nonexport Economy'". Hispanic American Historical Review, 63 (3), p. 582-4,, 1983. Duke University Press, 1983.

ENGERMAN, Stanley L. & GENOVESE, Eugene D. "Comments on 'Slavery in a Nonexport Economy'". Hispanic American Historical Review, 63 (3), 585-90, 1983. Duke University Press, 1983.

ESCHWEGE, W. L. von. "Notícias e Reflexões Estadísticas da Província de Minas Gerais". Revista do Arquivo Público Mineiro, IV, 1899.

ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig von (1777-1855). *Jornal do Brasil, 1811-1817*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 2002.

FRAGOSO, João Luís Ribeiro. *Homens de grossa aventura: acumulação e hierarquia na praça mercantil do Rio de Janeiro (1790-1830)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

_____. & FLORENTINO, Manolo. *O arcaísmo como projeto: mercado atlântico, sociedade agrária e elite mercantil em uma economia colonial tardia - Rio de Janeiro, c.1790-c.1840*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GODOY, Marcelo Magalhães. *No país das minas de ouro a paisagem vertia engenhos de cana e casas de negócio*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2004.

GOULART, José Alípio. *Brasil do Boi e do Couro*. Rio de Janeiro: GRD, 1965.

GRAÇA FILHO, Afonso de Alencastro. *A Princesa do Oeste e o Mito da Decadência de Minas Gerais*. São Paulo: Annablume, 2002.

_____. "Andanças de um militar português pelos sertões do Brasil (1823-1826)". In: MATOS, Raimundo José da Cunha. *Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão*. Belo Horizonte: Instituto Cultural Amílcar Martins, 2004.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. "Metais e Pedras Preciosas". In: _____ (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*, Tomo I, Vol. 2. 5a Ed. São Paulo: Difel, 1982.

IGLESIAS, Francisco. *Três Séculos de Minas*. Belo Horizonte: Biblioteca Publica Estadual Luiz de Bessa, 1985.

LENHARO, Alcir. A*s Tropas da Moderação: o abastecimento da Corte na formação política do Brasil, 1808-1842*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1993.

LIBBY, Douglas Cole. *Transformação e trabalho em uma economia escravista: Minas Gerais no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. "Protoindustrialização em uma sociedade escravista: o caso de Minas Gerais". In: SZMRECSÁNYI, Tamás (org.). História econômica do da independência e do Império. São Paulo: HUCITEC/FAPESP/ABPHE, 1996.

LUNA, Francisco Vidal & CANO, Wilson. *Economia Escravista em Minas Gerais*. Cadernos IFCH/UNICAMP nº 10, outubro/1983. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1983.

_____. & COSTA, Iraci del Nero da. *Minas Colonial: Economia & Sociedade*. São Paulo: FIPE/Pioneira, 1982.

MARTINS, Maria do Carmo Salazar. “Anotações sobre a organização administrativa da Província de Minas Gerais”. In: Anais do VI Seminário sobre a Economia Mineira. Belo Horizonte: UFMG/CEDEPLAR, 1992. p. 13-28.

_____ & SILVA Helenice C. C.. “Produção econômica de Minas Gerais em meados do século XIX”. Texto apresentado no V Congresso Brasileiro de História Econômica (2003).

MARTINS, Roberto Borges. *Growing in silence: the slave economy of nineteenth-century Minas Gerais, Brazil*. Tese de doutorado. Nashville: Vanderbilt University, 1980.

_____. “Minas Gerais, Século XIX: Tráfico e Apego à Escravidão numa Economia Não-Exportadora”. Estudos Econômicos, Volume 13, Número 1, p. 181-209, Jan/Abr 1983.

_____. “Minas e o tráfico de escravos no século XIX, outra vez”. SZMRECSÁNYI, Tamás (org.). História econômica do período colonial. São Paulo: HUCITEC/FAPESP/ABPHE, 1996.

_____ & MARTINS, Maria do Carmo Salazar. “As exportações de Minas Gerais no século XIX”. I Seminário sobre a Economia Mineira. Belo Horizonte: UFMG/CEDEPLAR, 1982.

_____. & MARTINS FILHO, Amílcar. “Slavery in a nonexport economy: a reply”. Hispanic American Historical Review, 64 (1), fev. 1984. Duke University Press, 1984.

MARTINS FILHO, Amílcar & MARTINS, Roberto Borges. “Slavery in a Nonexport Economy: Nineteenth-Century Minas Gerais Revisited”. Hispanic American Historical Review, 63 (3), p. 537-68, 1983. Duke University Press, 1983.

MAXWELL, Kenneth R. *A devassa da devassa: a Inconfidência Mineira, Brasil-Portugal 1750-1808*. 5a Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

MELLO, Jesuino da Silva. *Pecuária no Brazil (São Paulo e Minas Gerais): notas e digressões*. Rio de Janeiro: Laemmert & C., 1903.

MÜLLER, Daniel Pedro. *Ensaio d’um quadro estatístico da província de São Paulo*. 3a Ed. São Paulo: Governo do Estado, 1978.

NOYA PINTO, Virgílio. *O ouro brasileiro e o comércio anglo-português: uma contribuição aos estudos da economia atlântica no século XVIII*. São Paulo: Nacional, 1979.

PAIVA, Clotilde Andrade. *População e economia nas Minas Gerais do século XIX*. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, 1996.

_____ & GODOY, Marcelo Magalhães. “Território de contrastes: economia e sociedade das Minas Gerais do século XIX”. Anais do X Seminário sobre a Economia Mineira. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2002. CD-ROM.

PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo: Colônia*. São Paulo: Brasiliense/Publifolha, 2000.

RODARTE, Mário Marcos Sampaio. *O caso das minas que não se esgotaram: a pertinência do antigo núcleo central minerador na expansão da malha urbana da Minas Gerais oitocentista*. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: UFMG/ CEDEPLAR, 1999.

SLENES, Robert W. “Comments on ‘Slavery in a Nonexport Economy’”. Hispanic American Historical Review, 63 (3), p. 569-81. 1983. Duke University Press, 1983.

SLENES, Robert W. “Os Múltiplos de Porcos e Diamantes: A Economia Escrava de Minas Gerais no Século XIX”. Estudos Econômicos, Volume 18, Nº 3, Set/Dez 1988. São Paulo: IPE/USP, 1988.

VEIGA, Bernardo Saturnino da. *Almanach Sul-Mineiro para 1874*. Campanha: Typ. do Monitor Sul-Mineiro, 1874.

WIRTH, John D. *O Fiel da Balança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

ZEMELLA, Mafalda P. *O Abastecimento da capitania de Minas Gerais no século XVIII*. São Paulo: Hucitec / Edusp, 1990.